# “SEMINÁRIOS SOBRE VISÕES”

## *“The Visions Seminars”*

**Carl Gustav Jung**

## PARTE X

**Seminários entre 25 de janeiro e 21 de junho de 1933.**

**SPRING 1969**

O Ídolo Andrógino

- *Visão*: O estreito caminho alargou-se. Eu vi um grande ídolo. Ele tinha a cabeça de mulher e as mãos de um homem, estendidas para cima. A parte inferior era uma informe massa de ouro.

Ela acaba de passar por um desfiladeiro estreito, o tipo de lugar onde se tem a sensação de estar encerrado sem qualquer visão, e agora ela chega a uma parte mais larga do caminho. Isto expressa uma sensação de alívio, as coisas estão indo melhor, o horizonte é mais amplo. E o ídolo? À luz do que temos estado falando?

Resposta: Ele combina masculino e feminino. É um ídolo andrógino.

Dr. Jung: Sim. Os elementos masculino e feminino antes estavam separados... Esta é, com certeza, uma tentativa para formar um ser com ambas as qualidades, masculina e feminina, e já que não é um ser humano real, mas um ídolo, não se pode chamá-lo só assim, uma perversão da natureza, apenas um hermafrodita anatômico. Um ídolo é um símbolo, e este ídolo é um símbolo divino; seu hermafroditismo divino é simbólico porque todas as nossas idéias sobre deidades são simbólicas. Este hermafrodita significa um ser superior, além do masculino e do feminino; quase se poderia dizer que ele não é nem masculino nem feminino, porque tendo uma cabeça de mulher e as mãos de um homem ele inclui ambos... Mãos significam ação. Em alemão, por exemplo, a palavra "agir" é handeln, isto é, fazer uma coisa com as mãos. [A palavra "mão" vem do latim manus, e por isso em português há verbos correspondentes: manusear, manobrar, manufaturar, manipular]. Assim, um ídolo com as mãos de um homem significaria agir, ou ser executivo, como um homem. E a cabeça de uma mulher significaria que aqui a mente de uma mulher está combinada com a atividade de um homem, ou alguma coisa assim.

E a parte inferior do ídolo consiste de uma massa informe de ouro; o que diriam disso?

Resposta: Eu pensaria que significa valor não configurado.

Dr. Jung: E o que é valor, psicologicamente?

Resposta: Libido.

Dr. Jung: Sim. Dinheiro é simplesmente energia cunhada... A massa informe de ouro significa apenas uma massa de libido informe, uma acumulação ou condensação de energia psicológica. Para ser bem prático, se ela devesse vender aquela figura, ela faria um bom dinheiro com ela; um monte de ouro como este é uma grande acumulação de riqueza, e por isso é importante.

Comentário: Parece-me que este simbolismo mostra progresso. Certa vez ela teve uma visão onde o ouro aparecia como uma poça afundada na terra (Parte III, página 17; Parte VI, páginas 38 e 39) e agora está acima da terra.

Dr. Jung: Sim. O ouro apareceu antes como um disco, ou como a superfície de uma poça sobre a terra ou abaixo dela, mas aqui parece ter sido amontoado e ter tomado a forma de um ídolo. Isto é progresso, e quando um símbolo progride, sabemos que deve ter alguma função, deve servir algum propósito na psicologia desta mulher.

Pergunta: Estará ele atuando no sentido de fazer uma nova religião para ela?

Dr. Jung: Todo ídolo tem a ver com religião, e se acontece que criamos um novo ídolo, isto é, pelo menos, um passo no sentido de formar uma nova religião. Mas esta não é uma tentativa consciente, apenas ocorre que ela está vendo uma série de imagens. Assim, embora seja uma tentativa de formar um novo ídolo, isto é tudo que podemos dizer sobre ele.

Mesmo assim, ele significa alguma coisa na mente dela... Tem que ser especialmente enfatizado o caráter hermafrodita deste símbolo; há uma

idéia muito especial contida nisto... que explica porque tias figuras foram criadas no passado...

[Deuses hermafroditas já em tempos remotos apareceram no Oriente Próximo e também em Argos e Chipre. Na Idade Média o alquimista usava estas figuras para representar a união dos opostos e frequentemente os representava com duas cabeças, uma masculina e outra feminina. O hermafrodita também aparece nas cartas do Tarô, e lá ele é chamado DIABO.

A palavra vem dos nomes gregos HERMES e APHRODITE. HERMES, embora fosse simplesmente um pilar fálico, nas suas primeiras estátuas, ficou conhecido mais tarde como o mensageiro dos Deuses Olímpicos, e pode ser considerado idêntico ao THOTH egípcio, que era o escriba dos Deuses. APHRODITE, como a VENUS romana, era a Deusa do amor. Assim, a palavra "hermafrodita", além de suas conotações fálicas, significa uma combinação dos elementos masculino e feminino]. (Nota do Editor).

Já que os símbolos usualmente representam condições psicológicas, a condição especial da vida psicológica representada por um símbolo que inclui características masculinas e femininas, seria um pondo de vista além do sexual e do biológico. Agora, o que é que está além do ponto de vista biológico?

Resposta: Sublimação?

Dr. Jung: Nunca! Isto é justamente o que ele não é. O símbolo hermafrodita é hermafrodita precisamente porque a resposta não é sublimação.

Pergunta: O artístico?

Dr. Jung: Ele nada tem a ver com arte. Arte é apenas um particular meio de decorar o nosso ninho, onde pomos nossos ovos. Bem, a visão biológica da vida é que comemos, bebemos, propagamos nossa espécie, dormimos e morremos; ela mira a natureza, a vida biológica. Mas acima e em oposição

à natureza, ou além da natureza, está o cultural – nossa civilização, naturalmente. E a civilização é um feito especial do homem, nenhum animal jamais sonhou com ela...

Comentário: Mas algumas das grandes culturas emergiram em povos que viviam na mais primitiva condição.

Dr. Jung: Isto é porque a cultura começa na alvorada da consciência humana.

Comentário: Mas as atitudes deles eram quase sempre biológicas.

Dr. Jung: Naturalmente. Mas, na medida em que eles tiveram cultura, sua atitude biológica foi coibida, até mesmo aniquilada. Nas tribos primitivas podem ser encontradas as coisas que são mais não-naturais, e todas elas são culturais, porque a cultura afirma-se por coisas que são contra a natureza; os maiores realistas que se possam imaginar são pessoas primitivas, mas eles fazem as mais espantosas afirmações sobre a natureza. Para tomar algo dentro da experiência deles, por exemplo: eles sabem muito bem se uma horda de animais selvagens compõe-se de dois ou de vinte, mesmo assim eles dizem que o pássaro-totem que eles mataram em vinte diferentes aldeias, é um e o mesmo pássaro. Na realidade eles sabem que vinte pássaros foram mortos, tantas quantas eram as aldeias, mas eles afirmam que era um... E certos nativos brasileiros declaram que são papagaios vermelhos. Eles não têm penas e não voam, mas isto é apenas acidental, e é por mero acaso que os papagaios vermelhos não têm feições humanas; eles nos afirmam que um ser humano e um papagaio vermelho são uma e a mesma coisa. Agora, isto vai contra o modo costumeiro de pensar destes primitivos... A própria vida deles depende da mais apurada diferenciação e cuidadosa observação dos fatos naturais. Sendo caçadores, eles têm que saber as condições especiais da vida animal; eles podem nos dizer, por exemplo, se um rasto é de duas horas, ou de dez minutos apenas, e nem imaginamos como eles sabem isso. Ainda assim, eles fazem espantosas afirmações diretamente contra a natureza, e na medida em que são capazes de fazer tais pronunciamentos

eles têm cultura, porque a cultura começa com o símbolo e cada um desses espantosos pronunciamentos é simbólico. Não pode ser verdade que eles são papagaios vermelhos; tem que ser uma afirmação simbólica, mesmo assim a expressão de um fato – o fato de que de algum modo maravilhoso, eles são aqueles papagaios que podem voar. O que supõem que eles querem dizer quando afirmam isto? Conhecem algo semelhante?

Sugestão: O Espírito Santo.

Dr. Jung: Sim. A pomba do Espírito Santo é uma afirmação como esta, mas há alguma coisa mais na nossa religião, mais próxima do âmago deste simbolismo.

Sugestão: O batismo, que nos torna filhos de Deus?

Dr. Jung: Sim. Nesse momento a alma entra em nós, a alma-pássaro. Porque se diz que a alma tem asas de pássaro e voa aos céus, ou algumas vezes que é uma borboleta. A palavra psique significa também borboleta, assim a alma é apresentada em antigos monumentos com asas de borboleta. E todos os anjos têm asas de pássaros, eles são todos como pássaros. Por isso, quando os índios brasileiros dizem que são papagaios vermelhos, estão simplesmente afirmando que suas almas têm asas, que eles têm um ser alado dentro deles... E tal asserção contra os fatos é o começo da cultura, um ponto de vista acima do biológico. Quando um homem cria um símbolo, ele cria algo contra e além da natureza, mas mesmo assim isto se enquadra na natureza de um modo especial. E quanto mais estreitamente se encaixa na natureza, mais tempo durará, mais natural será, e melhor dará expressão aos seus instintos. Esta é a razão porque há tanto estardalhaço na história do mundo sobre a criação de símbolos... É extremamente importante para a humanidade que se encontre uma fórmula correta e verdadeira para os instintos. Com uma fórmula adequada podemos viver decentemente e a maioria dos instintos pode ser expressa, mas com uma fórmula inadequada que não nos permite tal expressão, ficamos doentes (isto é, neuróticos) e ocorrerá uma sublevação mundial...

Agora, não está ainda nem um pouco claro o que significa este símbolo andrógino. Alguns dos Senhores pensam entender o seu propósito funcional, ou porque ele aparece neste momento em particular?

Resposta: Não é o oposto da visão que ela teve antes? Uma visão de um homem com falos no lugar das mãos e uma mão como falo. [Esta visão não consta desta edição].

Dr. Jung: Sim. Aquela era uma afirmação muito unilateral do sexo, e a conseqüência natural da afirmação unilateral do sexo é que instantaneamente somos reduzidos ao nosso papel sexual, a nada mais dos que mulher ou nada mais do que homem; o significado da vida inteira fica exaurido nesta forma particular. Do ponto de vista do cientista natural isto é bom senso e perfeitamente satisfatório; é apenas vida, é assim... Se olhamos para a natureza, tão longe quanto podemos – e é sempre uma questão, naturalmente, de quão longe podemos olhar dentro da natureza – é verdade que quando uma fêmea é apenas uma fêmea e um macho apenas um macho, isto os apazigua, e pode ser considerado o sentido total de suas existências. Mas com o homem isto se torna muito duvidoso, ele construiu pirâmides e templos e Deuses que existem apenas naquilo que é chamada "mera" imaginação. Tal comportamento é sem precedente, e nós não nos maravilhamos o suficiente diante dele, nós apenas o temos como certo. Ainda é assim, é como se a manada de zebras começasse a executar ritos sagrados, ou macacos começassem a escrever livros. O homem criou um segundo mundo para ele através da sua cultura. E uma vez que isso é sem precedente na natureza como nós a conhecemos, só podemos supor que, desde o alvorecer da espécie, o homem foi dotado com o instinto de criar coisas que não podem ser encontradas na natureza. Mudando a superfície do mundo ele projeta coisas na natureza, parecendo assim possuir o instinto para criar algo que na sua essência não é natureza.

Esta fantasia é um exemplo. Aqui a paciente está fazendo uma afirmação contra a natureza, criando alguma coisa contra toda a evidência, um ser além do preconceito mono-sexual. Agora, quando um símbolo deste tipo ocorre em sonhos, seu sentido funcional é que existe uma necessidade

inconsciente de expressar a condição representada; isto é, se representamos a condição é como se a antecipássemos, e é como se fosse possível tê-la. Sabemos que no passado os homens sempre se esforçaram para dominar e transformar a natureza usando todos os tipos de cerimônias mágicas e religiosas, ou simplesmente conceitos, convicções filosóficas que continuamente colocam sobre o mundo uma nova face e o fazem diferente, não apenas conceitualmente, mas de fato... Assim, este símbolo tem um valor funcional, ele expressa a possibilidade de uma condição na qual o preconceito natural é não-existente. Ou é superado. Nesta condição ela seria capaz de entender, de funcionar mentalmente – e de atuar de acordo – como se ela fosse um ser não-sexual, isto é, como se ela fosse tanto homem como mulher. Esta é, obviamente, uma condição cultural.

"Eu Acredito Porque É Absurdo"

Agora, porque supõem que o inconsciente dela sente a necessidade de criar este símbolo em particular? Qual deve ser a sua condição? ...Quase parece uma contradição, quando o inconsciente primeiro reduz uma pessoa a um ponto de vista sexual e depois insiste na condição que supera isto. Porque deveria, em geral, ser enfatizado o ponto de vista sexual? Isto é devido inteiramente aos preconceitos da nossa peculiar civilização cristã. Nós reprimimos ou erradicamos o instintual e o declaramos não-existente, ou ainda aprendemos a passar por ele silenciosamente e a deixá-lo para trás – como se os instintos pudessem ser deixados para trás. Pelo modo como fomos todos educados, é bem possível para nós fazer tal coisa; então, naturalmente, nos emaranhamos num estado neurótico, tendo criado uma dissociação entre nossos corpos e nós mesmos. É por isso que o inconsciente tem que insistir tanto no corpo. Historicamente é como se Freud, com sua insistência sobre o sexo, estivesse dizendo: "Agora olhe para trás e veja o que deixou lá; aquilo existe, é mera ilusão pensar que deixou isto para trás; não está perdido, você simplesmente está inconsciente dele, mas ele o influencia e causa sua neurose". Isto é insistir sobre o fato de que há instintos, de que o homem é um macaco.

Mas só quando realizamos que somos macacos, o inconsciente insistirá, e ele realmente insiste, na realidade do instinto cultural. Chamá-lo assim é um modo de dizer, certamente, poderíamos da mesma forma falar da qualidade espiritual do homem, ou qualquer outro modo pelo qual quiserem chamar aquela coisa dentro dele que não concorda com a natureza, que até mesmo afirma o óbvio contrário do fato natural...

Comentário: CREDO QUIA ABSURDUM EST.

Dr. Jung: Exatamente. Este é o famoso pronunciamento de TERTULIANO: "Creio porque é absurdo" (ou contraditório, paradoxal). Na realidade a sentença era mais comprida, não posso citá-la literalmente, mas queria dizer o seguinte: "Eu creio que o Filho de Deus morreu, justamente porque é absurdo, e acredito na sua ressurreição porque é incrível". O paradoxo de TERTULIANO formula exatamente a peculiar tendência da mente humana para afirmar precisamente aquilo que não é garantido pelos dados óbvios dos sentidos; é a afirmação da realidade do símbolo como um fato psíquico. De nenhuma outra forma é a realidade da psique e dos conteúdos psíquicos melhor demonstrada do que por esta afirmação do absurdo e do incrível. Esta é a evidência do poder da psique por direito próprio. O homem simplesmente não pode evitar fazer estas afirmações, elas se fazem dentro dele e por meio dele, ele é sobrepujado por elas; porque usualmente elas aparecem como revelações, elas chegam dessa maneira. Como podem ver nas visões da paciente, esses fatos psicológicos são simplesmente revelados a ela, aparecem ante seus olhos; ela não os inventa, eles apenas acontecem. É exatamente o mecanismo que pode ser encontrado – num nível mais alto, naturalmente – nos profetas. Se compararmos a grande visão inicial de EZEQUIEL com estas, veremos uma perfeita analogia, com a diferença de que a visão, ou revelação, chega ao profeta de um modo inesperado, enquanto estas visões são esperadas, e por isso, depreciadas desde o começo... Se uma coisa se encontra mais ou menos ao nosso alcance não podemos apreciá-la; o que está ao nosso alcance como um resultado técnico não tem valor... Mas quando não estamos preparados, visões como estas podem chegar com tanta força que mudam a nossa vida toda. Leiam "Variedades de Experiências Religiosas" de WILLIAM JAMES. Lá

encontrarão exemplos de tais visões. A mais famosa é a visão de PAULO, que causou sua repentina conversão; ele teve apenas uma visão e ela foi suficiente. Mas aqui temos um número delas e elas têm pouco efeito, simplesmente porque eram esperadas.

Se tivermos uma atitude religiosa, que significa uma atitude de grande totalidade, de modo que recebemos a folha seguinte que cai da árvore como uma mensagem de Deus, então a nossa visão atua... Mas se nossa atitude é estética, começa a dificuldade, porque a estética é uma atitude parcial; ela nos defende do valor imediato do momento, permitindo-nos ver apenas a superfície.

## A Inadequação da Atitude Estética

Vou dar-lhes um exemplo extremo de atitude estética, e ele não é um exagero; essas coisas acontecem na realidade. Numa rua coberta com neve um carro derrapa, atinge uma criança e esmaga seu crânio contra a guia. Passamos por ali e vemos o sangue na neve; as pessoas se aglomeram e as ouvimos dizer: "Um acidente terrível!" "Uma criança foi morta!" Naturalmente estamos impressionados, mas se temos o dom da atitude estética, diremos, "Que quadro interessante! Este notável contraste entre o sangue vermelho e a neve branca, não é lindo?" Vemos a beleza do horror, o que significa que estamos protegidos daquela coisa toda, omitimos o evento inteiro.

Estas visões atingem muito bem a superfície, mas a essência não é experimentada. Por isso a quantidade supera a qualidade. Sob certas circunstâncias podemos assumir uma atitude estética para nos protegermos, mas nesse caso o inconsciente é obrigado a multiplicar os símbolos para poder chegar até nós. Podemos pensar que somos particularmente férteis; parece fertilidade, mas é pobreza. Estas visões são como comunicações telegráficas do inconsciente, bastante descoradas. Mesmo assim, se nos detemos nelas e as animamos, podemos reconhecer sua relação com coisas importantes. Poderíamos dizer de quase todas as

séries, que se tivessem sido conduzidas com uma atitude religiosa, a paciente teria percebido tudo em uma experiência completa...

Mas vejam, ela não acha terrível que este ídolo, que obviamente representa uma idéia ou experiência da deidade, seja feio, disforme e hermafrodita. Quando não ficamos impressionados com um fato tão horrível, é porque não o percebemos; vemos a forma, mas ela nada transmite; não dizemos: "Este é o meu Deus". Ainda assim, é o princípio supremo, quer acreditemos que ele é ou não. Já que nossas vidas não são feitas por nós mesmos, é o maior erro supormos que as fazemos; elas são feitas para nós. Assim, se eu visse tal visão, ficaria horrorizado. Ela mexeria comigo violentamente, atingiria minhas entranhas, porque minha atitude seria bem diferente. Porque somente através dos nossos esforços, só assim, essas coisas nos dizem algo. Somos inclinados a passar adiante sem realizar o que estamos vendo. Isto acontece por causa da atitude estética que não permite que nossas experiências se aprofundem e se tornem uma parte de nós; de outro modo teríamos percebido muita coisa já bem antes. Pensem nas visões passadas desta paciente sobre PAN ou sobre o touro. Não há muito tempo ouvi um sonho em que uma mulher viu a transfiguração de um touro em um touro branco solar – e isto era muito bonito. Mas, em termos estritos, o que transmite tal sonho?

Resposta: Que o Deus dela é um animal.

Dr. Jung: E o que significaria isso? ...Como o animal a influenciaria?

Comentário: Não é humano.

Dr. Jung: Exatamente. Ela está sob o controle de um princípio inumano ou subumano. E isto produz um efeito curioso; isto é, qualquer que seja a sua atividade, ela a levará a cabo como se um animal o fizesse... Cega como um touro, não é particularmente inteligente, como sabem uma força cega. Assim, quando ela vai atrás de alguma coisa com certa intensidade, ela faz isso como se fosse um touro. Assim influencia Deus o ser humano. Deus é a força suprema na psicologia de uma pessoa, o supremo e último fator

decisivo, e se Deus é um animal – como pode ser, já que Deus pode ser tudo – então a pessoa é forçada a agir ao modo de um animal, a ser auto-erótica, cega, imprudente, imprevidente, instintiva. Sem dúvida tudo isto tem alguns pontos positivos: podemos ir longe com o instinto, ou quando temos o impulso do animal atrás de nós, mas isto não é humano. A meta última do homem, quero dizer a consciência que, até onde podemos ver, é nossa meta última não é auxiliada por isso. Mesmo assim, podemos nos emaranhar em tal confusão catastrófica que percebemos que estamos forçados a isto por alguma coisa animal; então olhamos em volta e termos que mudar...

O caráter Destas Visões

Pergunta: Se uma longa série de visões é baseada na atitude estética, o significado destas visões não fica limitado ao estético?

Dr. Jung: Eu já me perguntei isto... e é a mesma coisa com os sonhos. Visões superficiais são um tanto tediosas, exatamente como na análise prática, os sonhos comuns "de toda noite" muitas vezes tornam-se enfadonhos, porque são de natureza muito superficial. A maioria dos nossos pequenos sonhos são muito desprezíveis em qualidade, na realidade, mais ou menos fúteis. Mas algumas vezes são tudo o que temos, se não podemos encontrar nosso caminho através deles, nunca chegamos aos grandes sonhos. Além disso, os pequenos sonhos podem, de fato, ser mais facilmente compreendidos que os grandes sonhos, que são extremamente difíceis... Se o material que discutimos fosse todo concentrado – numa série de cinco visões, digamos – dificilmente poderíamos pensar em alguma coisa dele; seria demais profundo, demais complicado, demais remoto. A vantagem do caráter superficial destas visões é que o mesmo pensamento está desenvolvido em dúzias de imagens, o que nos permite ver todos os lados do mesmo fenômeno. Porque cada vez, relativamente, o mesmo pensamento é apresentado sob um novo aspecto e nós descobrimos um novo simbolismo, mas não teríamos chance de fazer isso se uma série dessas visões, digamos vinte, estivesse concentrada em uma. Assim, eu prefiro este material, justamente para fins de demonstração...

Quando falo de uma visão superficial, isso nada tem a ver com o objeto da visão, mas refere-se ao modo como alguém percebeu a coisa. A atitude estética nunca permite que se penetre muito abaixo da superfície do que se está vendo, e assim aquilo nunca se tornará uma experiência própria... Porque não alcança a pessoa como ser humano. É por isso que tantas pessoas usam a atitude estética, exatamente para tornar a vida suportável. NIETZSCHE disse certa vez que o mundo nada mais é do que um problema estético. Ele disse isso porque sem esta atitude ele teria sofrido tanto do mundo que seu problema se tornaria insuportável. Assim ele cobriu o abismo e aparentemente se contentou com a superfície polida das coisas. Agora, esta paciente vê de novo e de novo a coisa grande... Ela nunca se cansa de caracterizá-la. E mesmo assim, se eu tivesse lido para os Senhores alguma dessas visões, seguidamente sem nenhum comentário, e depois lhes perguntasse o que haviam ouvido, estou certo que teriam ouvido palavras, visto imagens, mas que quase nenhum sentido teria sito transmitido. Perceberam, por exemplo, a imagem arquetípica do hermafrodita quando li sobre ela? "Ela tinha a cabeça de uma mulher... as mãos de um homem, erguidas. A parte inferior era uma disforme massa de ouro". Isto é demais sucinto. Mostra que ela não o percebe, nem siquer pára e admira-se. E eu lhes falei sobre o sonho do touro branco. Lá temos a mesma coisa; a sonhadora ficou perfeitamente satisfeita com o fato de um divino touro branco. Ela nunca parou para perguntar a si mesma: o que significa se a imagem de Deus é um touro? Se eu sonhasse com um ser divino mantido sobre uma plataforma e sendo adorado como o Sol – fosse ele um leão, um caranguejo ou uma ameba – eu certamente me perguntaria: porque vejo uma coisa dessas? Mas o artista se sente ferido se eu lhe pergunto o que significa sua pintura... E somos todos indulgentes com os artistas. Sabendo que eles querem nos impressionar com cores, luzes, etc, os acompanhamos alegremente, porque não queremos ver o fundo, é desagradável. Queremos ser baratos, deslizar na superfície. Mas assim absolutamente nada acontecerá.

Assim, quando lemos estas visões, simplesmente deslizados, nada aconteceu e não conseguimos manter na mente o simbolismo. Tão logo eu acabo de ler, tudo se vai. Se leio na manhã do seminário, durante o tempo

em que estou aqui, já desapareceu. Vejam, isto se associa ao inconsciente, que o puxa para baixo e não queremos olhar lá; então fazemos sempre as coisas tão baratas quanto possível. Para esta finalidade a atitude estética é das mais úteis...

Comentário: Eu penso que estas visões devem ter algum efeito sobre a paciente, porque mesmo sendo muitas, as coisas mudam e desenvolvem-se

Dr. Jung: Certamente. Supor que eu não penso assim seria um grande erro. Ela está impressionada, agora mais do que no começo. Ela chegou ao simbolismo da mandala, ela está presa àquilo que poderíamos chamar a psicologia da mandala; isto é, ela confrontou-se com o inconsciente... Certamente, isto tem seu efeito, o que não se pode negar. Mas isto não acaba com a superficialidade geral das visões, o que, eu suponho, é óbvio para todo mundo...

Comentário: Eu penso que esta repetição superficial tem certa importância. Em tempos antigos, só poucas pessoas compreendiam o sentido dos ritos, mas o povo não. A parte estética os torna impressivos.

Dr. Jung: Bem eu não sei como o Senhor se sente em relação a elas: de acordo com as minhas idéias estas visões não são o que se poderia chamar belo; o sentido atrás delas é belo, ou pode ser expresso de um modo belo, mas as próprias visões como se propõem, eu não chamaria artísticas; as imagens nelas são como telegramas de um "marchand" para outro, elas comunicam mas não carregam a disposição... Uma visão, que não pudesse ser chamada superficial seria aquela em que a experiência toda está expressa, uma descrição que nos prende tanto que não podemos deslizar sobre ela, tanto que não podemos deixar de ver que há sentido nela. Mas é claro, ela já não será necessariamente estética... A arte tem a tendência para apresentar as coisas de um modo estético, sem enfatizar o sentido, enquanto o pensar enfatiza mais o sentido do que o valor estético. Mas cada um contém ambos de algum modo... Grandes símbolos, como os símbolos da Igreja e do Budismo, são sempre belos... Isto corresponde ao fato de que o homem não deveria ser apenas artista ou apenas cientista,

mas deveria ter ambos os lados. Assim, o pensador deveria apresentar seus pensamentos sob uma forma agradável, e o artista deveria consentir que aquilo que ele pinta tem certo sentido, e não ficar terrivelmente ofendido quando se pergunta sobre isso.

O Hermafrodita como um Estágio do Desenvolvimento Psíquico

Um moderno exemplo do simbolismo hermafrodita aparece no "GOLEM" de MEYRINK, onde ele representa um papel tipicamente alquímico. Eu mencionaria também que a massa sem forma, de ouro, na visão de nossa paciente, que é a base da parte inferior da figura hermafrodita, não está lá para nada, porque o hermafrodita é a parte da arte de fazer ouro; ele simboliza um estágio determinado na tentativa alquímica de produzir a substância valiosa. Em termos psicológicos, a substância preciosa seria aquilo que chamamos símbolo reconciliador, aquilo que sempre se expressa como a pérola, a jóia, a criança, ou algo dessa espécie. O hermafrodita representa um estágio no caminho para a substância preciosa; é o estágio onde os pares-opostos, primeiro representados como animais, são unidos numa forma humana, o que significa que os opostos dentro da nossa própria natureza uniram-se em uma forma humana dentro de nós, assim que masculino e feminino estão juntos. Este é um importante símbolo também na tradição cristã. Não é canônico, mas o encontramos num fragmento do Evangelho segundo os egípcios, a que se referiu CLEMENTE de Roma. Lá está registrada uma conversa entre Cristo e uma mulher que lhe perguntou quando ocorreriam as coisas que ela estava esperando. E ele respondeu: "Quando houveres esmagado a vestimenta da vergonha, e quando os dois se tornam um e o macho com a fêmea é nem macho nem fêmea". Como vêem é o mesmo simbolismo, indicando uma condição acima ou além da mera condição de sexo. Quando isso foi alcançado, o Reino do Céu, a condição perfeita, inteiramente "rotunda", o estado de ouro, será produzido, e esta é a mais preciosa forma de existência. Em cima, tem a aparência de um hermafrodita, e em baixo, é ouro. E o ouro vem depois do hermafrodita, é como se a coisa toda crescesse da terra, o hermafrodita emergindo primeiro, como no mito de AGDISTIS, seguindo depois o ouro.

Assim, podemos dizer que o hermafrodita é, usualmente, o símbolo que precede a individuação; ele precede a criação do "centro valioso", ou do diamante precioso. É por isso que ele indica ainda um estado insatisfatório, como é mostrado nas figuras dos livros alquimistas; o ser com duas cabeças nele representado, é demais monstruoso e indica a não liberação absoluta dos pares-opostos. O símbolo reconciliador deveria ser algo inteiramente novo e destacado; nele os opostos seriam superados; de outro modo, não é um símbolo reconciliador. O hermafrodita mostra o homem ainda em cisão, ele apenas está no caminho para a completude, para o "arredondamento". Assim, no GOLEM de MEYRINK, o portão para a casa mágica, ou para o país da vida futura, consiste numa representação de OSIRIS, na forma de um hermafrodita, e metade do portão é macho e a outra fêmea; tem-se que passar através desse portão, o estágio do hermafroditismo, para alcançar a perfeita condição. O mesmo pensamento está atrás daquelas poucas palavras na visão.

Agora, qual é o sentido psicológico deste símbolo hermafrodita?... Devemos tentar trazer estas coisas para o nível da experiência do momento, o mais possível.

Comentário: Deve ser um estágio bastante desagradável, uma sensação de ser "nem peixe nem pássaro".

Dr. Jung: O problema é que ela é ambos, peixe e pássaro; ela está sob a influência dos dois. Que condição é esta?

Resposta: A luta dos opostos entrou nela sem que ela esteja acima dela.

Dr. Jung: Exatamente. Nós geralmente experimentamos os pares-opostos fora de nós mesmos. Sustentamos certa posição, somos perfeitamente certos, e o outro é todo errado, e nós lutamos contra ele. Aí, depois de certo tempo percebemos, talvez através dos sonhos ou de certos pensamentos sábios instilados pelo analista, que é bem possível que o nosso oponente seja um símbolo de nós mesmos, vamos dizer, a nossa própria sombra, e que a razão pela qual o combatemos tão particularmente

é que somos muito como ele... E depois percebemos que nós mesmos somos o nosso pior inimigo, que contemos exatamente aquilo que estamos combatendo lá fora, que somos ao mesmo tempo tanto uma coisa como a outra, então finalmente temos que reconhecer, se somos homens, que a última coisa que combatemos é uma mulher, e que a última coisa que uma mulher combate é um homem. O reconhecimento supremo é que um homem é também uma mulher, e uma mulher é também um homem. Então, o que podemos fazer? Agora já não é possível chutar o outro, só podemos chutar a nós mesmos e isso não é interessante. Estamos simplesmente pendurados. Por isso, o que simbolizaria a condição seguinte, depois da condição hermafrodita?...

Resposta: A cruz.

Dr. Jung: Sim. E no simbolismo da crucificação percebemos alguma coisa mais.

Resposta: Os dois criminosos ao lado de CRISTO.

Dr. Jung: Eles são muito nós mesmos.

Resposta: É isso que eu quero dizer.

Dr. Jung: Não, segue-se um novo estágio, e qual é?

Resposta: O inferno e a ressurreição do simbolismo cristão?

Dr. Jung: Inferno e ressurreição pertencem a ele... Porque agora o símbolo da crucificação já não é a divisão em um par-oposto, digamos direita e esquerda, como está indicado pelos dois ladrões; é também em cima e embaixo. Isto significa quatro, e isto é uma cruz; e quando o símbolo dos quatro começa, o simbolismo da mandala é descoberto. O quatro já está simbolizado pelos quatro rios que correm de EDEN. Ou pelos quatro portões – ou um múltiplo de quatro – da Jerusalém Celeste, uma cidade construída em quatro planos como a cidade de BRAHMA sobre o Monte Meru. Assim,

esta seria a situação real, e o hermafrodita é um estágio que conduz a esta condição suspensa.

O Problema é Coletivo

Vejamos agora o que acontece com o ídolo.

- *Visão*: (cont.) Ao redor dele pessoas em círculo e ajoelhadas, balançavam-se de um lado para o outro.

O ídolo não está só, mas rodeado por um círculo de adoradores. Onde está acontecendo tudo isso?

Resposta: Parece ser no inconsciente coletivo, por causa da multidão.

Dr. Jung: Sim, mas se nós soubéssemos apenas sobre o ídolo? Ele pode ser uma condensação de certas coisas pessoais... O ouro muitas vezes aparece nas suas visões, assim podemos supor um certo interesse nisto – e o ouro é, afinal de contas, a essência do dinheiro. Então o que poderia sugerir, em relação a ela pessoalmente, a cabeça de uma mulher e as mãos de um homem?

Resposta: Possessão do Animus, ela atua como um homem.

Dr. Jung: Esta imagem certamente está lá. Estas coisas podem ser vistas de um ângulo pessoal, particularmente quando as imagens são tão sem forma, embriônicas, uma mera conglomeração de complexos pessoais. Mas se nos aprofundamos mais, vemos que esses complexos são a expressão de uma idéia coletiva. Como podemos vê-la?

Resposta: Pelas analogias na história.

Dr. Jung: Sim. Existem analogias que mostram definitivamente que a idéia que ela está produzindo aqui de um modo mais ou menos embriônico, não é

absolutamente uma prerrogativa dela, é uma idéia geral. Algumas vezes essas criações podem ser encaradas do ponto de vista pessoal e, esticando um pouco a imaginação, encontramos uma interpretação bastante convincente. Eu diria que quanto menos uma coisa é formada, tanto mais é pessoal. E então poder-se-ia dizer que estes complexos começam a se interpenetrar e formam uma aglomeração que, ao longo do tempo tornar-se-á a imagem, ou representação de uma idéia geral. Então pode-se chegar naturalmente à conclusão que os complexos pessoais, que consideramos genuinamente nossos são projeções especiais de idéias coletivas subjacentes. Por exemplo, muitas pessoas estão cônscias de que têm certos complexos, e têm também como certo que eles são aquilo que parecem. Digamos que elas têm um complexo de dinheiro, ou um complexo de orgulho pessoal. Elas pensam que é tudo o que há e não conseguem ver que há certos fatos coletivos subjacentes, fatos que são a causa real do complexo... Pessoas que têm pouco dinheiro podem explicar seu complexo de dinheiro pela vontade de possuí-lo... Mas poderíamos também dizer que não é aquilo que se pode fazer com o dinheiro, é a fascinação do ouro que cria o complexo de dinheiro. Ambas as explicações são verdadeiras...

A diferença entre um problema pessoal e um coletivo é que um problema pessoal deriva inteiramente de nós mesmos, das nossas próprias insuficiências pessoais. Mas um problema coletivo chega a nós devido ao fato de que vivemos em coletividade... Agora, essas pessoas no círculo adorando o ídolo... são partes da sua coletiva adoração inconsciente lá. E o que dizer do modo peculiar como elas balançam de um lado para o outro?...

Comentário: Elas entram num estado de participação mística e não mais se sentem sozinhas.

Dr. Jung: Sim... Quando as pessoas entram juntas num tal estado de exaltação, sentem o grande poder que flui através da humanidade, elas se tornam idênticas a Deus. Mas qual é o efeito fisiológico disto?

Resposta: Vertigem.

Dr. Jung: E se temos uma vertigem, ficamos inconscientes, é uma espécie de intoxicação. A mesma coisa acontece na dança. As danças dervixes, por exemplo, produzem um tipo de *ekstasis* (êxtase)... E quando um tipo de desempenho como este está ocorrendo no inconsciente coletivo, sucumbimos ao seu feitiço, nossa mente já não é clara, ou tão determinada e segura como antes. Por isso temos que procurar um efeito como esse na consciência de nossa paciente. Sob tais circunstâncias a consciência torna-se artificialmente mais primitiva do que deveria ser...

Agora, tal simbolismo coletivo deve ser considerado sempre como coletivo. Se supusermos que aquilo que a paciente viu é algo que afeta deste modo o inconsciente coletivo, então não é válido apenas para ela, é válido também para nós, e para todo o nosso tempo. Assim podemos concluir, ainda sob o pressuposto de que este simbolismo tem validade geral, que a nossa atual consciência do mundo está agora peculiarmente turva – sob uma estranha fascinação. E se é assim, então a nossa consciência está mais primitiva do que deveria. E quando a consciência é primitiva, que espécie de sintomas mentais desenvolvemos?

Resposta: Emocional.

Dr. Jung: As emoções vêm à tona como resultado daquilo que JANET chamou de abaissement du niveau mental (rebaixamento do nível mental). Presumimos que nossa civilização atingiu um estágio (ANAHATA, na Kundalini-Yoga) no qual podemos começar a controlar nossas emoções, e não simplesmente ser suas vítimas cegas... Abaixo disto haveria um estágio na civilização, caracterizado por irrupções particularmente impetuosas de emoção (MANIPURA, na Kundalini-Yoga). E tivemos a evidência de tal estágio na Grande Guerra de 1914, uma explosão de emoção de proporções mundiais que ocorreu repentinamente, um vulcão que irrompeu sob nossos pés... Se tivéssemos algum controle, teríamos desenvolvido pensamento e sentimento em vez de emoção... assim as pessoas são gentis umas com as outras, elas consideram os sentimentos do outro... e isso, naturalmente, produz uma comunidade. Mas quando elas caem fora desse estado, que condição se segue?

Resposta: Discórdia geral, ódio.

Dr. Jung: Podem também apaixonar-se violentamente uma pela outra, mas isso não significa paz. Descer mais para baixo significa guerra, desordem, dissociação, uma completa desintegração... pequenas unidades mais ou menos opostas umas às outras... Por esta razão uma consciência turva está sempre inclinada a formar alguma coisa como uma seita, um pequeno grupo, dentro do qual há completa identidade. Logo que alguém tem um pensamento que difere dos pensamentos e sentimentos dos outros, há um transtorno, uma explosão. Grandes organizações não são possíveis porque uma diferença de opinião entre muitas pessoas faz com que as emoções irrompam, o que significa imediatamente uma guerra... Só podem existir pequenas comunidades com completa participação mística dentro e completa hostilidade e emocionalidades fora...

Nesta situação, com aquela atividade cúltica em andamento no inconsciente, é compreensível que a consciência da nossa paciente tendesse para um estado turvo, que estivesse extática, emocional e caótica. É por isso que temos que tentar tornar estas coisas conscientes, trazê-los à luz do dia, para aquietar o caos da superfície. Certamente, numa tal condição pensamos que todas as emoções são justificadas, perfeitamente naturais, mas de um outro ponto de vista, podemos ver que elas emergem apenas em virtude daquela atividade cúltica interior. Assim, se tivessem que formar uma conclusão sobre a mentalidade da nossa época, o que considerariam errado com o mundo no seu presente estado caótico?

Resposta: Que ele está formando uma religião inconsciente.

Dr. Jung: Sim, isso está (possivelmente) se delineando; há um culto sendo praticado nas profundezas, do qual não estamos conscientes. E pensamos que podemos combater esse caos com desarmamento, ou qualquer coisa deste tipo – Deus sabe com que – mas não funciona, nada pode funcionar, porque a perturbação está em baixo...

Dizer alguma coisa sobre esse desconhecido culto interior é excessivamente difícil. No caso de qualquer culto conhecido há monumentos, textos, pode-se dizer que é isto ou aquilo. Mas cada culto que existe é parte deste culto interno, que está oculto nas vísceras da natureza, e dizer qualquer coisa definitiva sobre ele é quase impossível. Eu só posso dar-lhes uma idéia sobre ele. Por exemplo, os símbolos da Kundalini-Yoga, se pudermos lê-los, nos fornecem uma analogia bastante aproximada do que ocorre neste sub-mundo... a coisa toda é uma espécie de seqüência de estágios. Outra analogia pode ser encontrada nos símbolos da filosofia alquímica, onde é feita uma tentativa para formular esses eventos de submundo. E uma terceira tentativa, como sabem, é a Psicologia Analítica. Nós também nos interessamos por simbolismo, e um exemplo disto são estas visões; elas são uma demonstração das coisas que se passam embaixo. E também o são outros casos em que se tenta trazer à tona material inconsciente, através de pinturas, escrita ou mesmo através da dança. Na medida em que algo é realmente produzido, ele no mínimo se refere àquele processo subjacente que, em si mesmo, não é visto nem compreendido. Tudo que conseguimos são certas reflexões, símbolos, imagens, que mostram uma certa regularidade e são comparáveis aos símbolos das religiões manifestas ou aos símbolos na arte e na poesia...

Qualquer coisa que se possa dizer sobre esse processo é sempre apenas uma parte dele, ele tem tantos aspectos, é uma coisa tão desconcertante. Eu estou tentando aproximar-me dele através de material empírico, e desse modo pode-se obter uma compreensão das religiões ou dos sistemas filosóficos já existentes, que são análogos. Com o correr do tempo, talvez, sejamos capazes de postular certos fatos fundamentais pela comparação de uma quantidade de material muito maior do que temos hoje. Mas este material não será acumulado nem em séculos, porque se trata do segredo criativo da mente e eu duvido que nós possamos projetá-lo completamente. Teremos certas convicções sobre ele que poderão durar dois anos – ou dois mil – mas eventualmente serão sempre superados, porque o espírito criativo não pode ser capturado em nenhuma fórmula...

O Aspecto Negativo da Mãe

- *Visão*: (cont.) Eu agarrei um dos adoradores pelo pescoço... "Porque adoras esta coisa?" Seus olhos vidrados olharam-me de soslaio. Ele respondeu: "Eu te mostrarei". Passamos por uma pequena porta na base do ídolo. Dentro estava a estátua de uma mulher primitiva, sentada com as pernas cruzadas. A mulher tinha muitos seios e parecia repugnantemente arcaica. Eu disse: "Isso é horrível".

Passando por aquela porta ela descobre a figura de uma deidade absolutamente arcaica. Porque esta não é uma mulher primitiva, mesmo uma mulher primitiva não teria tantos seios; tem que ser uma deidade, porque há alguma coisa monstruosa nela...

Agora, como entendem a presença nesta mulher moderna, de uma tal Deusa tão repugnante e inaceitável, obviamente feita de terra?

Resposta: É a natureza física.

Dr. Jung: Mas eu não chamaria a natureza física com nomes tão feios.

Comentário: Eu pensaria que isto é uma representação do próprio inconsciente coletivo como o aspecto negativo da mãe.

Dr. Jung: Isto é verdade, é uma imagem materna. Mas o que significa em conexão com o ídolo? Esta visão sugere que a idéia do ídolo não é mais que a cobertura para esta Deusa primitiva.

Resposta: O Senhor já falou do antigo ídolo como sendo as duas coisas, o inconsciente pessoal e o coletivo, e este é um degrau mais abaixo. Não há absolutamente nada pessoal nesta mãe, enquanto no ídolo havia alguma coisa pessoal.

Dr. Jung: Exatamente. O ídolo tem conexões precisas com o inconsciente pessoal, assim poder-se-ia dizer que a verdadeira figura inconsciente, a

figura da deidade, é percebida, lá apenas através do véu do inconsciente pessoal. Isto é algo que sempre se vê na experiência prática. Se há uma ampla camada de inconsciente pessoal, invariavelmente encontraremos uma visão perturbada dos conteúdos do inconsciente coletivo, porque as figuras arcaicas do inconsciente coletivo têm que ser vistas através daquele véu ou camada de complexos pessoais, é por isso que percebemos primeiro certa perturbação nos complexos pessoais, quando esperamos um ataque do inconsciente coletivo. Isto é verdade em qualquer caso de psicose ou neurose. Na superfície há o que parece ser uma desordem inteiramente pessoal, na sexualidade do paciente, ou nos relacionamentos ou nos seus pensamentos. Uma idéia perfeitamente absurda irrompe numa mente bem organizada, e a análise reduz isso a um determinado complexo pessoal, Digamos, o paciente convence-se de que não é filho de seus pais. Ele sabe que esta idéia é absurda, mas está simplesmente tomado por ela. O analista dirá que no fundo há um complexo materno ou paterno, e esta sua conclusão é representada pelo ídolo. Mas o ídolo pode também tornar-se um conglomerado inteiro de tais complexos; descobre-se então que de forma alguma se trata de um conglomerado meramente sem sentido, pode-se perceber que sua forma particular aponta para uma idéia além dela mesma, para alguma coisa ainda mais profunda. O ídolo é uma massa de complexos pessoais, mais abaixo deles, dentro deles, está a Deusa arcaica, o verdadeiro arquétipo...

Essa mãe arquetípica é como ÁRTEMIS de ÉFESO, sempre representada com uma multiplicidade de seios, denotando a abundância do seu leite, a fertilidade da natureza e essas coisas. Naturalmente, se aplicamos esta idéia ao inconsciente, referimo-nos a ele sob o aspecto materno (porque ele pode ter também um aspecto paterno). Aqui, o inconsciente é como uma mãe com muitos seios, nutrindo inúmeros filhos com um suprimento inexaurível de alimento. Todas estas visões fluem do seio do inconsciente – elas são leite.

...E essa Deusa arquetípica, que estava oculta sobre o outro simbolismo, é agora mais essencial que o ídolo; em outras palavras, ela era a causa de que o ídolo tivesse uma cabeça de mulher e mãos de homem, e fosse uma

massa de ouro embaixo. É difícil ver como tais complexos pessoais poderiam resultar da presença, ou da constelação, dessa Deusa arcaica. Ela é chamada 'repugnantemente arcaica', o que é nem um pouco convidativo; nós usaríamos a palavra 'repugnante' para alguma coisa ruim e quase suja. Esta asquerosidade deve ser a razão para o complexo do ouro e para a cisão entre a mente de mulher e a ação de homens.

Um dos primeiros sintomas quando alguns conteúdos estão sendo constelados no inconsciente é uma peculiar cisão. Um homem pode ter estado engajado sinceramente em alguma atividade, **(FIGURA DA PÁGINA 235: DIANA DE ÉFESO)**, muito concentrado nela, não duvidando que era a coisa correta a ser feita; então subitamente, tudo se faz em pedaços, ele tem dúvidas e não pode entender o que o está paralisando. A razão é que um arquétipo foi animado... Pessoas não unidas consigo mesmas animaram alguma coisa no inconsciente que causa uma cisão. A consciência é, então, como uma camada de gelo sobre um lago; quando chega a primavera aumenta o volume de água ou ela começa a mover-se, e naturalmente o gelo será quebrado. (Pode se ver o paralelo disto especialmente na esquizofrenia, onde toda a superfície pode ser feita em fragmentos meramente pela pressão de coisas que vêm de dentro, pela força dos poderes arquetípicos). Obviamente, é um poder arquetípico o que temos aqui, esta figura feia de uma Deusa arcaica está forçando seu caminho para a consciência, e embora não saibamos se conseguirá isto, em todo o caso está causando complexos, e estes por sua vez estão causando um conflito peculiar na superfície, digamos, um conflito entre o masculino e o feminino...

Os Senhores podem ver figuras de Deusas mães arcaicas, como esta, nos museus... Encontramo-las em tribos primitivas, onde são sempre marcadamente obscenas ou grotescas... Tais figuras têm algo extremamente remoto e estranho em torno delas, sugerindo que são quase inacessíveis à experiência pessoal... exceto sob certas condições. Entretanto, nem cultos nem templos com tais ídolos neles existiriam se os homens não tivessem uma intuição da realidade dos fatos psíquicos (de uma natureza paradoxal e incompreensível) que eles expressam... Quando

tentamos reduzir estas figuras a fatores psicológicos atuais, temos que voltar a experiências que possuem as mesmas qualidades de distanciamento, de incompreensibilidade, e talvez mesmo de obscenidade. Agora, conhecem alguns fatos psicológicos como esses? Estão conscientes de terem tido tais experiências? Nunca entenderão esta visão se não encontrarem, na sua própria psicologia, alguma coisa paralela ou conectada com ela...

Em termos biológicos, poder-se-ia dizer que esta imagem contém os últimos remanescentes de uma psicologia meramente animal: a ÁRTEMIS DE ÉFESO, por exemplo, está coberta com figuras de animais e abelhas que eram seus atributos, na Grécia, os seguidores de ÁRTEMIS eram animais – eram chamados arktoi, ursos – e os seguidores de CIRCE foram transformados em porcos. Esta figura é um remanescente de tal culto, o que mostra que ela encobre um instinto materno animal, e o instinto materno animal está próximo da destrutividade. Pode-se observar isto nos porcos. Se não protegemos os filhotes logo após o nascimento, eles são comidos pela mãe; se os defendemos por um tempo seu instinto destrutivo, ela os aceitará, mas não imediatamente. Encontra-se a mesma coisa em casos criminais, entre seres humanos; imediatamente após o parto, a mãe pode matar seu filho, mas isso se torna impossível um pouquinho mais tarde.

Como sabem, as mães são extremamente doces, mas são também ferozes e cruéis como animais. Estou certo de que as jovens panteras devem ter terríveis imagens maternas, porque as mães, no início, são impressionantemente ternas – elas são mães maravilhosas – mas, de repente, quando as 'crianças' crescem, elas rosnam para elas, afastam-nas da comida com mordidas e brigam com elas da maneira mais vil; neste momento, a prole adquire uma visão inteiramente diferente da mãe. Este é o choque que gera a imagem terrível. Com seres humanos isto funciona do mesmo modo...

O Fato de que Temos uma Sombra

Quando a mãe terrível é projetada sobre a mãe real e completamente identificada com ela, como no caso de um homem com um complexo materno negativo, é uma injustiça para com a mãe, porque ela é apenas uma criatura comum, não uma bruxa arquetípica. Mesmo assim, há uma verdade nisto: esta projeção materna absurda, esquisita e demoníaca, cobre o aspecto da psicologia de uma mulher que se torna operante na peculiar destrutividade da mãe. E como tal, está mais na mãe do que no homem que a projeta, porque no caso do homem certamente não está tão perto. Numa mulher está muito mais perto, e ainda assim, extremamente remota, por que a psicologia consciente (particularmente das mães) não permite vê-las. Esta imagem é secreta. Assim como um homem não se permite ver suas insuficiências, porque ele ficaria paralisado por tamanha introvisão, assim também seria quase perigoso para uma mãe ver estas coisas muito claramente; tal visão inibiria seu esforço maternal. Ou, se a mulher não é mãe, ela ainda precisa crer na construtividade da sua atitude, sua atitude em relação a homens, vamos dizer, se ela entende demais aquela atitude destrutiva, há o perigo de que fique paralisada. Assim a necessária atitude e a psicologia de uma mulher não permitem uma realização muito clara desta imagem de fundo. Comumente, é uma das partes mais difíceis da análise tornar consciente essa figura, porque ficar consciente de sua realidade é traumatizante.

Pergunta: Ela não pertence mais à psicologia oriental? Eles estão bastante acostumados a ela em KALI.

Dr. Jung: Mas dentro deles mesmos são tão desacostumados dela como nós. Eles a projetam em KALI, assim não têm nada a ver com ela; eles pagam muito a ela e isto arranja tudo. Esta é a grande vantagem de tais cultos. Nós não temos essa vantagem. Se descobrirmos uma figura arquetípica como esta em nós mesmos, ela não está em nenhum outro lugar. Estamos sempre identificados com tais coisas; elas são muito parte de nós e temos que fazer acrobacias para nos destacarmos delas...

E porque deveria emergir agora este aspecto absolutamente negativo da mãe divina? Por que nada de bonito?

Resposta: Porque conosco as mulheres são idealizadas, particularmente pela Igreja Católica Romana.

Dr. Jung: Então a Senhora explicaria isto como uma espécie de madona negativa, uma coisa inteiramente pagã e quase diabólica do ponto de vista cristão?

Resposta: Sim; nós temos estado pensando bem demais das mulheres.

Dr. Jung: Sim, bem demais. E eu estou contente por ouvi-la dizer isto, sendo uma mulher, já que esta é também a minha idéia. Assim o inconsciente, aqui, produziu algo para que pensássemos... De certo modo, esta figura é compensadora: na superfície da consciência, a opinião geral das mulheres parece ser a de que são superiores, mas ao contrário disto o inconsciente diz: "Veja isto. O que acha? Isto é o que está causando... aquela dissociação entre a cabeça e as mãos. Esta é a razão do complexo de ouro, que também, naturalmente, significa poder e influencia mundanos e tudo isso". Debaixo de todos esses complexos conflitantes está esta figura asquerosa. E, em essência, parece ser o que uma mulher bastante moderna necessita acrescentar à sua própria substância para ficar em equilíbrio; na superfície sua condição está inteiramente fora de equilíbrio, ela necessita este equilíbrio e esta figura a supriria. Agora, quando uma mulher vê tal figura, o que pensam que seria o efeito sobre sua consciência? Em geral, qual é o efeito quando temos uma muito boa idéia de nós mesmos e depois descobrimos alguma coisa não tão boa? Eu penso no efeito real, não no efeito que pensamos que deva ocorrer.

Resposta: Ficamos mais cuidadosos com o que fazemos.

Dr. Jung: Isso é o que todos nós queremos, mas não é realmente o que fazemos em seguida.

Resposta: Queremos fugir.

Dr. Jung: Naturalmente. Fugimos e dizemos: "Nunca vi uma coisa assim, ouse vi, foi em alguém mais; na minha vizinhado ao lado, ela é assim. Ela é que me faz ver isso, aquela mulher exerce um efeito ruim sobre mim, ela sempre rebaixa minha libido". Vejam, somos absolutamente contra a assimilação de uma figura tão repugnante, é demais incompatível. Mesmo assim, aquela figura materna é a verdade desta mulher. E a verdade também, da civilização inteira.

Agora vamos ver o que faz ela.

- *Visão*: (cont.) Eu disse ao meu guia: "Isto é horrível. Arrasta-a para fora, para a luz do dia". Meu guia respondeu: "Não, ela está coberta pelo grande ídolo que viste. Ela não pode ser mostrada".

O que fazem os senhores com essa pequena conversa?

Comentário: Ela parece querer aceitá-la.

Dr. Jung: Sim. Ela diz: arrasta-a para fora e que todo mundo a veja. Mas o guia diz "Não, ela está coberta pelo grande ídolo... e não pode ser mostrada". O que significaria isto?

Resposta: Animus.

Dr. Jung: Aquele homem com olho vidrado é um Animus, certamente, um ser perfeitamente se alma de um círculo de adoradores, todos Animus. O Animus adora conflitos. Ele detesta a idéia de que o ídolo seja quebrado ou declarado não essencial, porque ele floresce somente quando há muitos conflitos, onde alguém pode ter muitas opiniões sem nunca se assentar nas fundamentais. Naturalmente ele favorece o ídolo. O ídolo é um dispositivo feito pelo homem. Os Senhores sabem, a psicologia do conflito é toda feita pelo homem, nós adoramos os nossos conflitos porque eles nos protegem numa grande extensão, da realização da verdade. Quando dizemos "tenho

terríveis conflitos", então estamos ocupados e tudo com que temos que nos ocupar é com este ou aquele conflito: e com tais maravilhosos conflitos somos muito interessantes para o nosso analista; mas não olhemos além disso, não olhemos atrás disso. Podem ver, a reação dela aqui é muito decente, ela quer levar aquilo para fora. Naturalmente, isto é um pouco exagerado, não podemos aparecer com tais manchas negras; alguma coisa tem que ser feita com elas, naturalmente, não apenas arrasta-las para fora. Mas já que ela está tomando uma atitude extrema, o Animus coloca-se do outro lado: "Não, ela está coberta pelo ídolo, conserve o ídolo, é menos perigoso, menos repugnante e pelo menos parece-se com alguma coisa. Esta mãe-terra não deve ser mostrada." Chega então o momento crítico em que a paciente deve decidir se persiste ou não na sua resolução original de que estas coisas devem ser trazidas à consciência.

- *Visão*: (cont.) Eu disse: "Ela é repugnante. Faze o que quiseres. Eu sigo adiante".

Este é o mesmo truque de novo: seria melhor deixá-la para trás, não despertá-la. Assim, ela continua:

- *Visão*: (cont.) Saí por outra porta e continuei a descida pelo caminho estreito e íngreme. Cheguei a um grande precipício. Olhei sobre ele e vi, no vale, homens em coches atirando-se louca e freneticamente sobre outro precipício, homens e cavalos caindo no vazio.

Há uma batalha de Animus em fúria lá embaixo, o que significa que além daquela mãe arcaica ocorre uma agitação turbulenta de um horda de Animus, e todos eles caem no vazio. Esta é a despropositada luta do Animus que resulta naturalmente quando alguém passa por cima do fato fundamental que se revela no problema da sombra – isto é, o fato de que se tem uma sombra. Se não queremos ver isso, passamos adiante, e depois disso caímos entre os "Animi" e continuamos a ter opiniões, em vez de aceitar nossa sombra.

"As Vísceras dos Ancestrais"

[A mãe terra reaparece na visão seguinte como uma rocha com a forma de uma velha bruxa que ameaça fazer parar a paciente e extinguir a chama em seu peito. Esta chama é importante e é correto mencioná-la separadamente porque a posse de uma chama como essa não pode ser tida como certa. Sua presença "indica que o indivíduo pode destacar-se a si mesmo do inconsciente e da identificação com as coisas". Como o PURUSHA na Kundalini-Yoga, que não se torna visível como uma chama enquanto ANÃHATA não é alcançada, esta chama pode ser considerada a primeira manifestação do Self independente. Assim, aqui, uma vez mais, "a mãe terra, a terra mesma, está ameaçando a tomar posse da sua civilizada consciência cultural" – para dominar sua personalidade consciente com uma inconsciência ctônica.

Entretanto, a paciente desafia a bruxa e entra na rocha. Lá, ela se encontra numa caverna com um altar sobre o qual está estendido um índio morto. Ela o reanima. Dr. Jung o interpreta como simbolizando os modos primitivos que têm que ser sacrificados quando é atingido certo nível de consciência onde pode ser formulada uma visão mais completa da vida. Mas aqui a paciente o ressuscita, e isto é certo, porque se "colocamos alguma coisa no lugar da fé primitiva que não permite o viver e não outorga a forma adequada às energias do inconsciente, então teremos simplesmente cometido um assassinato, o assassinato de algo que deveria viver". Este é o caso com a paciente, cuja vida, supõe-se, tem sido limitada por um modelo cristão excessivamente estrito. Convocando, de uma forma um tanto inflada, a ajuda do índio para a força da chama no seu peito, ela diz, "Dá-me o teu sangue e a tua força, e crê em mim". "Evidentemente", comenta o Dr. JUNG, ela está esperando fazer "uma espécie de repasto místico" desta figura primitiva, para "incorporá-lo", e este será um repasto "anticristão"; porque aqui "não está sendo assimilada a coisa à frente, maior, mais diferenciada, mais elevada, mas a inferior, menos diferenciada e mais antiga".

O índio, agora, executa todas as sugestões dela para escapar da caverna. Primeiro ele põe abaixo dois pilares que sustentam o teto, os quais a paciente compara aos intestinos da mãe-terra. Deles saem lanças, água fervente e corpos "sem forma" de homens e mulheres que poderiam ser considerados como representantes de vidas ancestrais indiferenciadas. Aqui, comenta Dr. JUNG, está uma clara repetição do tema do herói que, de dentro, mata o monstro, "uma situação muito arquetípica". Isto não os liberta e a paciente ordena que o índio destrua o altar no qual ele estivera estendido, o lugar onde o primitivo fora sacrificado – e este é, realmente, o ponto vulnerável. De fato, é como se o índio primitivo houvesse sito trazido de novo à vida com o propósito expresso "de destruir a condição histórica altamente diferenciada, a qual nós conhecemos como a era cristã".

A destruição deste altar é muito importante, porque denota nada menos do que "a transição de um estágio de consciência para outro". Nossa "recente mentalidade cristã" está coligada a um ponto de vista a respeito do mundo que é ao mesmo tempo racional demais e demais diferenciada para permitir a imagem primitiva do mundo representada pelo índio. Assim quando a visão primitiva chega, agora, traz consigo uma concepção inteiramente diferente e muito mais mágica das conexões existentes entre as coisas. Por exemplo, ela lança uma dúvida profunda sobre a "verdade absoluta" do conceito de causalidade, que por tanto tampo sustentávamos. Tanto alvoroço causado na Física pela teoria da relatividade de EINSTEIN como o caráter sincronísticos dos eventos inconscientes recentemente revelados pela psicologia profunda, são evidências dessa mudança. A princípio, o resultado parece ser apenas caos, mas depois "é como se tivéssemos descoberto um novo mundo". Embaixo do altar aparece um pequeno pinheiro deitado em sangue. Esta árvore sugere ao mesmo tempo o broto verde que representa SHIVA no chacra mais inferior da Kundalini-Yoga e o sempre vivo simbolismo da nossa árvore de Natal com seu extenso passado pagão. Quando o índio o ergue o sangue se transforma em água clara e a árvore cresce e cresce até que seus ramos alcançam o teto da caverna e o levantam, e isto possibilita à paciente, com o índio, emergir "em uma linda ribanceira gramada e iluminada pela luz do sol". O paralelismo desta visão com o mito da criação dos índios HOPI é gritante e também com a tradição

islâmica da escapada de MAOMÉ para o céu. O rompimento do teto da caverna em ambas as histórias é equivalente ao extermínio, de dentro, do monstro e significa como agora o emergir da paciente à plena luz do sol, a transição para um novo estado de consciência. Antes de deixá-la, o índio chama sua atenção para habitações da gente dela há longo tempo abandonadas que se espalham lá embaixo, num extenso vale ao longo de um rio. Assim, parece que ela agora chegou a um ponto de vista de onde pode contemplar, num nível um pouco mais alto, a corrente da vida, isto é, aquilo em que, antes, ela estava contida.

Um ponto fraco nesta visão, entretanto, é o papel que o Animus desempenha o tempo todo; uma vez mais, "a paciente não está superando o monstro ela mesma, mas deixa que ele seja superado para ela". Isto tem um valor porque constitui uma espécie de rito de entrada, ou preparação mágica para atuar, mas não é suficiente. "Na medida em que é um conseguimento do Animus, é uma instituição ou antecipação, uma mera possibilidade, e de forma alguma podemos ter certeza de que ela própria será capaz de firmar-se nele ou de usá-lo". Ainda mais, o amplo vale, cheio de "casas alegres" e de "gado gordo", é idílico demais, demais arcaico para ser real. Ao mesmo tempo, é fatalmente uma reminiscência daquele "país maravilhoso chamado Purília, em que a primavera sempre chega às colinas, onde o gado passeia eternamente ao longo do horizonte e onde se ouve continuamente um badalar de sinos... O Animus mostrou a ela o que fazer, mas ela considera como se tivesse sido feito... o resultado é que ele a coloca gentilmente lá embaixo de novo, no vale dos ancestrais".] NOTA DO EDITOR.

A Imagem Mexicana e o Corpo

A visão seguinte tem um título muito significante: "A Imagem Mexicana". O que concluem de um título como este?

Resposta: a imagem mexicana é muito feia e bastante estranha, exatamente o contrário de uma paisagem encantadora, é o outro lado da imagem.

Dr. Jung: Sim, A especial característica da imagem mexicana é a extraordinária crueldade. Segundo relatos, os antigos mexicanos eram extremamente amigáveis e encantadores; eles podiam permitir-se sê-lo porque seus cultos eram são sanguinários que lá eles podiam descarregar suas tensões; toda a sua crueldade aparecia nos seus ritos sangrentos. Sendo pessoas gentis, seus Deuses respiravam uma crueldade inumana. Da mesma forma, nós, que de forma alguma somos amáveis, temos Deuses suaves e gentis.

**FIGURA DA PÁGINA 239**

- *Visão*: Sentei-me e observei todo o vale. De repente, vi no céu uma grande imagem mexicana.

Por que ela está vendo esta imagem mexicana no céu, e não embaixo, no vale?

Resposta: Está bem distante, então pode ser algo espiritual.

Dr. Jung: É isto. Em sonhos e visões, como esta, as coisas têm os seus valores antigos. Para nós, o ar é apenas atmosfera que se estende por muitas milhas e depois termina conde começa o espaço cósmico. Antes, porém, o ar não era o que é para nós, ele era também um fator psíquico; ele era o vivente, movimentado e invisível mundo dos espíritos, que são seres do alento. Assim, quando alguém vê coisas no céu é porque aquela é a moradia dos espíritos e o próprio ar é uma espécie de espírito...

Enquanto os conteúdos de uma imagem como esta permanecem despercebidos, eles estão na terra, que é o equivalente do corpo. Por isso certas fantasias mitológicas são a base de sintomas aparentemente fisiológicos, como afecções neuróticas dos músculos, do coração ou da respiração; todas elas são sintomas parciais de espantosas idéias mitológicas. Por exemplo, uma imagem mexicana no corpo poderia causar espasmos de certos músculos, imitando a dureza ou a crueldade de uma imagem como esta. Uma figura mitológica cega poderia causar afecções da

vista, porque qualquer coisa não percebida psicologicamente é realizada numa espécie de mimetismo. Nós simplesmente nos tornamos "representantes" de tais imagens, elas atuam através de toda a nossa psicologia, quer através do nosso funcionar fisiológico, quer pelo nosso caráter moral; podemos encontrar estas vívidas imagens inconscientes em qualquer lugar. Mas no momento em que nos tornamos conscientes delas, a neurose desaparece, porque então elas estão sendo assimiladas à consciência e já não podem atuar no escuro. Assim, a imagem mexicana deixa o corpo. Vê-la no céu significa que ela já não é um fator fisiológico, mas é percebido agora como um conteúdo espiritual ou mental, como uma imagem psicológica.

- *Visão*: (cont.) O rio transformou-se em sangue, as casas desapareceram, e grandes montanhas pretas se ergueram onde antes havia o vale, alteando-se à minha volta.

Pergunta: É o espírito da imagem mexicana que lança uma sombra?

Dr. Jung: Sim, o espírito mexicano lança uma sombra sinistra, e a paisagem assume um caráter ominoso (numinoso?); seu encanto esvaece subitamente com o aparecimento de um espírito ou Deus mexicano, e as habitações humanas também desaparecem. Agora, esta é uma mudança de disposição que muitas vezes ocorre. No início, sentimos alívio quando compreendemos que uma fantasia estivera influenciando o corpo. Em virtude das nossas idéias pré-concebidas de que coisas psíquicas são não existentes, ou irreais, ou que podem ser tratadas por opiniões arbitrárias, não percebemos que elas são, em si mesmas, entidades. Isto nos possibilita, de certo modo, acreditar que uma coisa se resolve quando nos tornamos conscientes dela. Esta idéia pré-concebida atravessa de ponta a ponto a psicologia freudiana; se uma fantasia de incesto torna-se consciente, eles pensam que ela está liquidada. Mas logo depois a mesma imagem aparece no céu e então nos confrontamos com ela como um problema consciente que deve ser trabalhado; simplesmente tornar-se consciente do problema do incesto não o resolve. Supor que é assim, é como esperar curar-se de uma doença física quando o médico a diagnostica.

Ou é como se alguém descobrisse que uma epidemia de febre tifóide na cidade estivesse sendo causada por canos rachados que assim contaminassem a água e todos dissessem então: "Que bom que sabemos agora de onde vem essa epidemia", e nada fizessem com a canalização. Acabamos de ver aquela terrível mãe-terra, e sabemos que a paciente deveria libertar sua consciência daquela escuridão. Isto é possível, já vi consciências assim libertadas. Mas o que será feito então da mãe negra original? O que acontecerá com aquela horrível figura, já que ela não cessa de existir? Apenas, em vez de ser um obstáculo inconsciente, torna-se um problema consciente e visível. É por isso que ela aparece o céu e estraga a bela paisagem – toda a bela disposição da paciente.

- *Visão*: (cont.) Vi à minha frente um caminho estreito descendo entre rochas pretas. Comecei a descida.

Quando somos dominados por este estado, não adianta tentar reprimi-lo... A longo prazo isto não funcionará... Temos que entrar nele. E o importante é que isto não deve ser feito de modo involuntário, mas com decisão, e conscientes de que estamos entrando no vale negro, que esta é a descida.

- *Visão*: (cont.) Eu vi que os degraus pelos quais eu tinha que descer eram feitos pelas costas de velhos acorrentados à rocha.

Estes velhos são seus ancestrais, mas não se mencionam mulheres, assim são uma série inteira de Animi. São as crenças e convicções ancestrais que agora servem como degraus de pedra para descer ao vale, de onde uma vez eles subiram. Uma vez eles fizeram parte de um pilar (um daqueles destruídos pelo índio) e agora ela desce pelo pilar, degrau por degrau, nas costas dos ancestrais. Eles são como cariátides na arquitetura, uma figura humana sobre a qual se assenta uma arquitrave, suportando uma à outra ou suportando algum tipo de peso. Ela está descendo a escada inteira das idéias e opiniões tradicionais; assim, sua descida aqui é abreviada, pode ser comparada à mais detalhada descida que ela fez anteriormente, nas visões em que ela retornou através do nosso tempo e através da Idade Média até

a Antiguidade, até a primitividade, e dali diretamente ao animal. E depois ela subiu de novo.

- *Visão*: (cont.) Eu falei com um velho, perguntando-lhe porque estava acorrentado. Ele respondeu: "O teu mundo nos recusou. Por isso estamos acorrentados. Mas pela nossa sabedoria, tu descerás". Eu desci por aqueles estranhos degraus.

Bastante enigmático, não é?... Cada Animus é realmente uma tentativa diferente de consciência. Não importa quão pequena seja a tentativa, estas velhas opiniões, velhas convicções, são degraus de pedra no desenvolvimento da consciência. (E estão todos contidos, por assim dizer, na estrutura do nosso corpo, do nosso sistema nervoso; nossas células cerebrais contêm os traços de desenvolvimentos anteriores). Todos esses degraus foram uma vez convicções ou filosofias, um modo de entender a natureza, um modo de consciência, e se tentamos descer ao inconsciente, naturalmente temos que descer pelo caminho através do qual originalmente subimos... Os velhos dizem: "Teu mundo nos recusou", o que significa que o nosso atual mundo da consciência não está cônscio de todos esses pré-estágios e recusa reconhecer sua validade.

O homem comete este erro sempre e de novo: primeiro chegamos a certa introvisão que é válida por um determinado tempo e depois a abandonamos; criamos um novo ponto de vista e o antigo já não significa absolutamente nada, ou é esquecido ou considerado um erro estúpido e incrível; não vemos que ele ainda carrega alguma justificativa. Encontramos isso na ciência, frequentemente. Quando eu era estudante pensávamos que velhos tolos acreditavam que a luz eram corpúsculos, mas nós sabíamos que era ondulação. E as mais recentes opiniões voltaram à teoria corpuscular. Este é um exemplo de como se esquece o homem velho, os degraus por meio dos quais atingimos a superfície. Mas quando estamos inseguros e não podemos enfrentar nossas dificuldades, deveríamos lembrar que a humanidade fez mil tentativas para responder certos problemas, e que, talvez, esquecida, entre elas esteja a resposta para o nosso. Vejam, os cientistas não voltaram à teoria corpuscular porque as

coisas estavam satisfatoriamente explicadas pela ondulação; mas foi porque esta última não era satisfatória que eles tiveram que voltar à idéia anterior.

Com a psicologia é a mesma coisa... É certo que a mente está bastante convencida de que todo o passado é um contra-senso, superstição primitiva, antiquadas idéias religiosas. Mas as pessoas não sabem o que estão dizendo quando chamam antiquadas algumas dessas idéias; o dogma da igreja, por exemplo, contém uma teoria bem completa do inconsciente, e isto é uma coisa que nós não compreendemos. Mas a compreenderemos em tempo, quando percebermos que não possuímos um único ponto de vista que nos permita uma explanação satisfatória da nossa vida; porque necessitamos tal explanação; e porque nunca houve alguma época antes de nós que não a necessitasse também. Então, seremos forçados a olhar para trás, constatando que não temos o direito de recusar a mente do passado, como se ela fosse mera insensatez e apenas idiotas tivessem vivido antes de nós. Por isso dizem os velhos: "Teu mundo nos recusou. Por isso estamos acorrentados". Eles estão reprimidos, aprisionados e acorrentados na nossa consciência. "Mas pela nossa sabedoria tu descerás". Isto significa que podemos voltar às fontes do inconsciente, mas somente pelos degraus da sabedoria que eles construíram; se eles não os tivessem construído, estaríamos eternamente separados do inconsciente.

O Ancião Cego

- *Visão*: (cont.) No fundo jazia um homem negro com a face para o céu. Ele era cego. Na sua testa havia uma cruz de sangue. Sua vestimenta era amarela, bordada com dragões chineses. Aos seus pés havia um leão talhado em pedra. Eu parei. Ele disse: "Em mim juntam-se as eras".

O que é esta figura? Sua cegueira e o fato de dizer: "Em mim juntam-se as eras", poderia significar que ele é imensamente velho.

Sugestão: Ele poderia representar o próprio inconsciente dela.

Dr. Jung: Bem, ele representaria a soma total do inconsciente coletivo, porque nele todas as eras se juntaram, a soma de todas as vidas passadas. Assim, como poderíamos formulá-lo?

Sugestão: Como o psicopompo, o POIMEN?

Dr. Jung: Este seria o aspecto positivo, mas aqui se trata do aspecto negativo. Porque supomos que um líder tenha visão e este homem é cego, ele não poderia ser um líder.

Pergunta: Ele é o grande ancestral?

Dr. Jung: Ele é o homem de dois milhões de anos dentro de nós... E ele é um fato. Podemos vê-lo em cada detalhe da nossa estrutura anatômica... Estudem suas mãos, seu nariz, suas orelhas; em cada um poderão encontrar o resultado de uma longa diferenciação, e traços de dois milhões de anos, se consideramos essa a idade do homem, está também na nossa psique. Os resíduos de toda aquela existência estão ainda aqui na nossa realidade, contidos na escuridão do nosso inconsciente coletivo, e o nosso inconsciente mesmo constitui apenas uma fina camada no topo das profundezas oceânicas da história. Lá embaixo, naquelas profundezas, descobrirão deste homem, que é praticamente imortal, contendo e somando em si a vida das eras. E porque deveria ele ser cego:

Resposta: Ele tem visão interna.

Dr. Jung: Ele pode ter visão interna, mas externamente ele é cego. O que significaria isso?

Resposta: Ele é não-adaptado.

Dr. Jung: Sim, absolutamente não-adaptado. Ele não pode ver o nosso mundo. Isto significa, simplesmente, que nós somos os olhos deste homem que vive para sempre, porque nossa consciência É essencialmente um olho... Um órgão que percebe o presente numa fração de segundo. Um

campo de visão significa um campo de consciência... Mas a consciência em nós é momentânea e dura, vamos dizer, entre sessenta e oitenta anos, o que certamente, não é tempo algum. Ainda mais, nós vivemos de momento para momento, sempre esquecemos o passado e não vemos o futuro, enquanto este homem de milhões de anos é tanto o passado como aquilo que ainda virá. Esta é a razão da sua cegueira, enquanto nós temos olhos. Talvez ele tenha uma consciência interna, e pode ser que nós estejamos dentro dele; isto é possível. Os filósofos disseram que existe uma consciência interna, mas não podemos provar isso. O inconsciente coletivo pode ser consciente de suas imagens, mas nós não sabemos.

...A negritude deste homem parece vir do fato de que ele é um habitante das profundezas, do oceano escuro ou da escuridão da terra. Ele pode ser preto pela terra ou pela escuridão em que vive, porque a cegueira é também escuridão...

Sobre sua testa há uma cruz de sangue. Quem seria marcado assim?

Resposta: Um criminoso.

Dr. Jung: Então, de forma alguma, este é um sinal de vida cristã ou de benevolência espiritual; parece mais a marca de um sofrimento intenso, uma cruz de sangue. Ela foi talhada ou queimada na sua pele, e é uma ferida que sangra. Ele está realmente sofrendo.

Comentário: Ele é um homem marcado.

Dr. Jung: Sim. Ele é marcado para o sacrifício, ele passou pelo sacrifício ou está sendo sacrificado... A cruz simplesmente expressa o fato de que este "homem antigo" tem que ser sacrificado em prol da consciência... Este é o seu eterno sofrimento... Vejam, o inconsciente coletivo deveria ter uma forma pela qual viver na consciência, sem ser marcado como um criminoso, como moralmente inaceitável. Mas no nosso tempo nós marcamos esta figura como um criminoso, e assim ele é excluído. Nós somos singularmente inconscientes dessas coisas...

Em adição à sua cegueira e à cruz de sangue com a qual ele é marcado, esse ser antigo, que é a soma do inconsciente coletivo, tem dois outros atributos: ele usa a preciosa vestimenta amarela de um sábio chinês, o que representa sabedoria, e aos seus pés há um leão talhado em pedra, a incorporação do poder. Ele é como uma daquelas figuras de cavaleiros ou reis mortos com o animal real aos seus pés. A idéia é que ele está sobre o animal, que ele é o poder sobre o poder, o governante.

- *Visão*: (cont.) Eu perguntei a ele: "Por que estás cego?" Ele disse: "Grandes forças, que fizeram de mim aquilo que sou, também me tornaram cego, assim eu estou acorrentado aqui como um degrau".

Podem explicar esta resposta?

Comentário: Ele é cego porque é o inconsciente coletivo, que não promove a consciência.

Dr. Jung: ...Se o inconsciente pudesse ver, não haveria inconsciente... Esta parece ser uma afirmação de fato, mas não explica bem porque as grandes forças que fizeram dele o que ele é, ao mesmo tempo o cegaram... Ele não teria dito que ficou cego se não assumisse que uma vez podia ver.

Comentário: Os animais vêem e agem através dos seus instintos, todo o tempo, mas o homem perdeu este poder.

Dr. Jung: O Senhor está no caminho certo. No começo o inconsciente vê e depois perde sua vista. Sob circunstâncias primitivas o inconsciente ainda pode ver, mesmo no homem; ele funciona como um olho, ou como consciência. Assim, podemos encontrar em tribos primitivas, que não foram tocadas pela civilização, que os sonhos têm uma espécie de função social. Encontramos traços disso na antiguidade; nos últimos anos da República Romana, por exemplo, ainda acontecia. A filha de um senador romano dirigiu-se ao Senado e contou a eles que MINERVA lhe aparecera em sonho, queixando-se de que seu templo estava desmoronando e que o Senado

deveria votar algum dinheiro para repará-lo. O Senado realmente tomou a decisão de reparar o templo de MINERVA...

Outro bom exemplo, um dos melhores que já encontrei, está num livro do explorador RASMUSSEN, sobre as tribos esquimós que estão mais ao norte da Groenlândia. Ele fala sobre um pajé que conduziu sua tribo no inverno, através do Oceano Ártico congelado, às praias do continente norte-americano. Ele descortinou, numa visão, uma terra rica em focas e outros animais, e quis conduzir sua tribo até lá, para que tivessem a oportunidade de uma vida melhor. Seguindo sua visão, ele a conduziu através do gelo flutuante. Na metade do caminho parte da tribo disse que tudo aquilo era uma insensatez e voltou, mas todos morreram. Aqueles que continuaram, chegaram ao continente americano e encontraram as focas. Este é um exemplo da atuação da visão do inconsciente...

Sob condições primitivas as pessoas recorrem constantemente à previsão do inconsciente; para eles é natural, sempre, perguntar se os astros são favoráveis, se é conveniente viajar hoje ou não, e assim por diante. Mas a maioria de nós já há muito tempo não necessita fazer uso diariamente da visão inconsciente... Para nós o inconsciente **é** cego, porque temos toda a luz que precisamos na consciência. Naturalmente somos sempre ávidos de mais e mais, mas só podemos ter a luz que necessitamos, nem um pouquinho a mais. Mesmo assim, quando nos encontramos num aperto, descobrimos que o inconsciente é apenas relativamente cego, que a consciência expandida não o substituiu inteiramente: sob certas condições, quando a consciência se torna pouco clara, o inconsciente ainda tem visão...

Quanto às "grandes forças" que edificaram a formidável estrutura do inconsciente coletivo, digamos que são a original energia da vida, o que quer que ela seja. Estas são as forças que os gnósticos chamavam ARCHAI (princípios) e que SÃO PAULO chamou ARCHAI e THRONOI, poderes principados. No Oriente elas são as KLESHAS e, finalmente, no correr do tempo elas produziram o que nós chamamos consciência. Essas forças fizeram o velho, e pela criação da consciência também o tornaram cego. No começo ele podia ver, mas por uma luz peculiar, já que aquela espécie de

"ver" não é uma ação consciente, mas um evento; ela não é sentida como uma atividade própria, ela apenas acontece a alguém. Assim, tendo se tornado cego, o velho está agora acorrentado, porque ele está coberto pela consciência.

- *Visão*: (cont.) Eu disse: "Quem és?" Ele respondeu: "Eu sou o grande filósofo do Oriente. Eu sou um cruzado. Eu sou CRISTO. Eu sou AHASUERUS" (Judeu errante).

Esta é a mais paradoxal e inesperada resposta, que necessita algum comentário, estou certo. A filosofia oriental baseia-se no conhecimento do velho, de LAO-TSÉ. (LAO significa velho, e TSE é um título de honra como *Sir*). Porque no Oriente a filosofia não é de modo algum assunto intelectual; não é uma tentativa de produzir um sistema lógico composto de muitos conceitos. A filosofia oriental é uma espécie de YOGA. Ela é viva e é uma arte, a arte de fazer algo de si mesmo. E o que querem eles fazer a si mesmos?

Resposta: Eles tentam desenvolver o corpo-diamante.

Dr. Jung: Sim. Este é o símbolo, mas o que é ele?

Sugestão: Eles querem ser Deuses.

Dr. Jung: E o que seriam os Deuses?

Resposta: Nada.

Dr. Jung: Exatamente. O Oriente nos fala do grande vazio, do nada positivo, do ser não-ser. Isso é o que eles buscam e tentam fazer de si mesmos. Lembrem-se da famosa passagem de LAO-TSÉ:

> Os homens do mundo são claros, tão claros,
> Só eu estou como que turvado,

Significando que ele não tem conceitos claros porque ele se encontra muito mais à frente no caminho da compreensão. Vejam, o pensar, de acordo com o significado oriental da palavra, nunca é claro. O que nós consideramos ser clareza intelectual é bem inferior àquela categoria da mente. Os conceitos orientais nem poderiam ser expressos em qualquer língua européia. TAO é vazio, é silêncio e vácuo total; é imortalidade, porque é ser para sempre. Não tendo atributo de tempo, é atemporal, e não tendo qualquer qualidade, é livre dos pares-opostos, é o vazio absoluto, e isto é o que eles tentam ser. Esta sabedoria baseia-se em uma espécie de instinto, baseia-se na natureza do homem primordial... Podem ver isto? Que instinto sugeriria tal idéia? Que instinto conduziria um homem suavemente até ele entender que aquilo que ele é depois é o vazio?

Pergunta: Poderia ser o desejo da morte?

Dr. Jung: Bem, o Senhor poderia dizer morte, mas como chega a morte, como a alcançamos? E como morremos decentemente?

Resposta: Vivendo.

Dr. Jung: Sim. É a vida mesma que nos conduz para dentro das coisas e para fora delas. Quando ficamos mais velhos, naturalmente nos atemos menos a certas coisas, ficamos cansados delas, elas já não nos interessam, e tentamos nos afastar delas, livrar-nos delas... Assim, muitas coisas se tornam ilusões ocas... Já não são novidade para nós. Porque fazer o esforço? Mas sem ilusões ainda podemos fazer o que é absolutamente necessário. Assim, vivendo, cumprindo nossa tarefa, crescemos acima dela. Então chega o dia em que a superamos, então estamos nos aproximando do vazio, e este é o que parece ser o mais desejável e o mais significativo. Assim, acabamos onde começáramos. Esta é a filosofia do Oriente.

Agora chegamos ao segundo atributo do velho; ele diz que é Cruzado... As Cruzadas foram a primeira tentativa do Ocidente de alcançar o Oriente. A idéia começou por volta do século onze. Mas porque se iniciou nesta época? Alguma coisa importante aconteceu naquele tempo.

Comentário: Esperava-se a chegada do fim do mundo.

Dr. Jung: Exatamente. O ano l.000 marca definitivamente o fim do cristianismo primitivo, que esperava a imediata parousia (a 'ousia' – a força – vai imbuir o mundo) do Senhor, seu imediato reaparecimento; isto significaria o fim do mundo, e então começaria o Juízo Final. O cristianismo inicial estava inteiramente baseado nesta idéia, no ponto de vista transcendental de que esse mundo não importa. TERTULIANO podia até aconselhar seus catecúmenos a buscar a arena. Cidades inteiras se despovoaram, milhares de pessoas foram para o deserto, onde se tornaram anacoretas e homens santos. Muitos deram todos os seus bens para os monastérios. Houve seitas, como a dos marcionistas, que até tentaram abolir a propagação da espécie. Era uma ampla forma de suicídio pretendendo atingir o mundo vindouro, o vir a ser... Então, no ano 1.000, nada pareceu acontecer. Mas alguma coisa havia acontecido, o dia do julgamento aconteceu, porque este foi um ponto crítico. O que assinala o ano 1.000?

Resposta: Metade da nossa era astrológica.

Dr. Jung: Sim, a metade da constelação de Peixes; foi quando acabou o tempo do primeiro peixe, do vertical **(Figura da página 244)**. A Igreja havia alcançado sua maior importância; no ano 900 ela era tudo e o Império Romano era nada; mas imediatamente depois o poder secular do Império começou a crescer e a Igreja, perdendo seu ponto de vista transcendente, começou a lidar com realidades. Então o extraordinário poder que ela havia erguido desmoronou, achatou-se, e o movimento tornou-se horizontal. Isto está maravilhosamente retratado no simbolismo que os homens projetaram nos céus desde tempos imemoriais... E entre 1790 e 1805, quando o ponto vernal já avançara bem no corpo do segundo peixe, duas outras coisas curiosas aconteceram: a Revolução Francesa destronou o Cristianismo (depois que DIDEROT e VOLTAIRE a ridicularizaram durante cinquenta a sessenta anos) e um francês, ANQUETIL DU PERRON, viajou para o Oriente, tornou-se monge budista e voltou trazendo a primeira tradução dos UPANISHAD (talvez uma versão árabe que

ele traduziu para o latim). E esta foi a versão que SCHOPENHAUER conheceu. Então, foi neste tempo em que o Cristianismo – com exceção do ano 1.000 – estava sofrendo os golpes mais severos, que um novo cruzado forçou seu caminho para o Oriente e trouxe de volta consigo o Oriente e, desde então, ele tem continuado a se infiltrar no Ocidente.

Agora, este velho da visão, o Grande Filósofo do Oriente, é também um cruzado que está mediando entre Ocidente e Oriente. Os cruzados estão sempre buscando alguma coisa, e na catástrofe espiritual do ano 1.000, alguma coisa se perdeu, todo o transcendentalismo da Igreja Cristã simplesmente perdeu-se; depois disso as pessoas começaram a vagar, a buscar... Então, o velho – quando já não é expresso por uma consciência adequada, uma consciência que se adapte à sua verdadeira natureza – começa a procurar... Hoje em dia podemos ver as pessoas que buscam de novo, mas não sabem o que...

Agora o velho diz: "Eu sou CRISTO". Como podemos entender isso?

Resposta: Ele foi sacrificado para que a consciência pudesse nascer.

Dr. Jung: Sim. CRISTO sacrifica-se para que o homem se salve, para que seja redimido. Redimido do que? Nós o chamamos pecado, mas é meramente a participação mística, a inconsciente unidade entrelaçada com a matéria, com a carne. Esta é a condição da qual deveríamos ser redimidos por um crescimento na consciência: por esta razão isto está simbolizado com a chegada da luz na escuridão. O velho é sacrificado de novo e de novo para que a luz aumente, já que a luz naturalmente aumenta pelo sacrifício da inconsciência. Assim ele é também CRISTO, o ser sacrificado para que os homens possam ter luz.

Agora, o que significa quando o velho diz: "Eu sou AHASUERUS"?

Resposta: Eterno vaguear e buscar.

Dr. Jung: Sim. AHASUERUS é o Judeu Errante. A lenda sobre ele não é judaica, mas medieval cristã e remonta mais ou menos ao século XIV. De acordo com ela, AHASUERUS não oferece a CRISTO nenhuma ajuda, mas foi um dos que o recusaram. Em outras palavras, ele recusou ser sacrificado, ele não acreditou em CRISTO ou no seu sacrifício. Agora, como podem explicar que o velho diz que é também AHASUERUS, o que significa que ele não acredita em CRISTO?

Resposta: É característica do inconsciente que os opostos existam lá simultaneamente.

Dr. Jung: É característica do inconsciente que nenhum símbolo possa abrangê-lo ou expressá-lo em qualquer extensão de tempo. Nem mesmo CRISTO pode simbolizar a especial imensidão do inconsciente. Mesmo o modo como ele é formulado, como um Deus que morre e ressuscita em outra forma mostra que isto é como é. Tal Deus não desaparecerá absolutamente, mas mudará. Nenhum símbolo jamais expressa completamente o inconsciente coletivo, que deve sempre vaguear, procurando novas formas e assim criando o mundo, uma sempre-duradoura vida de uma mudança sempre-duradoura.

Outra conexão interessante é que se diz que o Judeu Errante usa sempre algo como uma bandagem sobre a testa, para cobrir a marca da cruz que ele carrega lá. O velho, lembram-se, tem uma cruz, a marca do sacrifício sobre a testa, e o Judeu Errante tem o mesmo sinal... Ele é o sacrificado, e mesmo assim ele é também aquele que nunca é sacrificado.

Poderíamos Usar Palavras Maiores

É desconcertante registrar o tremendo acúmulo de qualidades associadas à figura supina deste velho, o mundo inteiro parece estar contido nele. Traduzindo para a nossa linguagem muito humilde e científica. As pessoas pensam que é particularmente impertinente da minha parte formular essas coisas desse modo, mas para mim parece tratar-se meramente de modéstia chamar coisas tão grandes por nomes tão pequenos; isto mostra quão

pouco somos capazes de expressá-las adequadamente, e porque devemos, portanto, usar uma linguagem modesta. Mas poderíamos usar palavras maiores para o inconsciente coletivo. Qual é o ser que possui estas qualidades?

Comentário: Deus.

Dr. Jung: Sim. Para o inconsciente coletivo poderíamos usar a palavra Deus. No dogma está dito que Deus tornou-se homem, Deus tornou-se CRISTO; os dois são homogêneos, o mesmo ser com o Pai. Mas eu diria que usar esta palavra seria impertinência, porque então se está assumindo que as caracterizações humanas que usamos aqui são válidas para o Deus mesmo. Mas qualquer coisa que se diga sobre Ele, é apenas a palavra de um ser humano, ela mudará, ela nunca é exaustiva; temos que dizer alguma coisa sobre Ele, mas isto pode ter pouca validade. É por isso que prefiro não usar grandes palavras, estou bem satisfeito com a humilde linguagem científica porque ela tem a grande vantagem de trazer toda aquela experiência para a nossa vizinhança imediata.

Todos os Senhores sabem o que é o inconsciente coletivo, todos tiveram certos sonhos que carregam a marca do inconsciente coletivo: em vez de sonhar com tio Fulano ou tia Sicrana, sonham com um leão, e então o analista lhes dirá que este é um motivo mitológico, e entenderão que se trata do inconsciente coletivo. Assim, encontram-se com o inconsciente coletivo, ali mesmo. Este Deus já não está a milhas de distância de nós, num espaço abstrato de uma esfera extra mundana. Esta divindade não é um conceito nos manuais de teologia ou na Bíblia; é uma coisa imediata, acontece nos nossos sonhos durante a noite, nos causa dores de estômago, diarréia, prisão de ventre, um desfile inteiro de neuroses... Se tentarmos formulá-lo, pensar o que é, afinal de contas, o inconsciente coletivo, acabamos concluindo que ele é aquilo com que se ocupavam os profetas; ele soa exatamente como algumas coisas no Velho Testamento. Lá Deus, envia pragas sobre as pessoas, queima seus ossos durante a noite, machuca os rins, causa toda a sorte de distúrbios. Então, chegamos naturalmente ao dilema: isto é realmente Deus? Deus é uma neurose?...

Agora, admito que este é um dilema chocante, mas quando pensamos consistente e logicamente, chegamos à conclusão de que Deus **é** um problema dos mais chocantes. E esta é a verdade, Deus chocou as pessoas até fazê-las perder o juízo. Pensem no que ele fez com o pobre velho HOSEA, que era um homem respeitável e teve que se casar com uma prostituta. Provavelmente ele sofria de um estranho tio de complexo materno.

Assim, nos aproximamos aqui de grandes problemas, e nossa paciente tem um pressentimento de que há alguma coisa bastante estranha em relação com este velho, que está acorrentado como os outros velhos cujas costas serviram a ela na sua descida. Ela diz:

- *Visão*: (cont.) "Eu não posso continuar a pisar em ti". Ele respondeu: "Vai adiante, sua tola. Não haverá caminho algum à frente para ti enquanto não houveres pisado sobre mim e passado além". Então eu subi sobre ele com o meu pé direito.

Comentário: Isto indica que ela tem que fazer uso consciente do ponto de vista do inconsciente.

Dr. Jung: Sim. Qualquer analista diria que é preciso pisar sobre o próprio inconsciente, ele é um degrau, um ponto de partida. Nós necessitamos o inconsciente coletivo para curar uma neurose, digamos, ou fazemos uso dele para nos tornarmos um pouco mais conscientes e assim podermos nos controlar melhor. Mas por que ela hesita?

Resposta: Ela pisou nas costas dos outros, mas agora ela tem que pisar sobre o estômago dele. Eu penso que qualquer um hesitaria.

Dr. Jung: Sim. Anteriormente ela não sabia o que fazia, ela apenas desceu sobre aquela série de costas, sobre todas aquelas opiniões históricas. Agora ela tem que encarar a coisa toda, e então tem dúvidas; ela tem que enfrentar aquilo que o inconsciente realmente é... Se o qualificamos como um conceito científico, então ele é pequeno, profano, quase sem

importância, e podemos ser capazes de fazer qualquer coisa que o mudará; mas se o chamarmos Deus, então ele é imenso, muito maior que o homem, e naturalmente hesitaríamos em fazer uso dele. Agora, esses são dois aspectos de uma só coisa, que é ao mesmo tempo a coisa maior e a coisa mais pequena, a mais absoluta e a mais relativa. Podem entender isso? Conhecem que cubra esse fato particular?

Resposta: BRAHMAN.

Dr. Jung: Sim. "Mais pequeno que o pequeno, ainda assim maior que o grande". Esta é a formula para BRAHMAN. Assim, é a súbita realização nesta visão que a faz hesitar. Ela percebe que pode realmente pisar sobre esta coisa, a qual é tão grande, e todo-abrangente e poderosa, que ela poderia usá-la como se fosse pequena e sem importância. Vejam, isso contradiz completamente nossas idéias e convicções religiosas. Como cristãos ortodoxos, nunca poderíamos admitir que Deus fosse a coisa mais pequena, o meio sem importância para um fim. O Oriente pode fazer isso sem ferir-se. Mas nossa idéia é unilateral: aquilo que chamamos Deus é todo-abrangente, absolutamente universal, imensamente maior que o homem; não podemos usá-lo ao contrário, estamos sempre debaixo do seu poder. Aqui, entretanto, o inconsciente fez emergir esta noção paradoxal do maior e do menor.

Agora, significa em geral alguma coisa psicologicamente, quando algo que é descrito por um paradoxo; significa que aquilo que é designado é completamente irreconhecível. A coisa que chamamos inconsciente coletivo é absolutamente irreconhecível, portanto podemos também chamá-la Deus; porque tem todas as qualidades da coisa "mais grande" e todas as qualidades da "mais pequena", é absolutamente impossível compreender o que ela é... Por isso, fazemos um pronunciamento paradoxal.

Indo Além da História

Agora, pergunto aos Senhores, o que significa ir além dele? E por que tem ela medo de pisar sobre ele?

Resposta: Pode ser que ela tema não ter o direito de fazer isso. Pisar sobre alguém significa que se conquistou esse alguém, e tenho a sensação que ela não está segura de tê-lo conquistado realmente.

Dr. Jung: Esta é, com certeza, uma dúvida legítima: se se conquistou o homem primordial ou não. É necessária uma grande coragem para pisar sobre ele e ir além. O que significaria isto praticamente?

Resposta: Ir além de Deus.

Dr. Jung: Além de um Deus particular, eu diria; não podemos chamar "Deus", simplesmente, esta figura deitada de costas. Ele diz de si mesmo, lembrem-se, que é o filósofo do Oriente, um Cruzado, CRISTO e AHASUERUS. Só os atributos de uma dessas quatro figuras justificariam que o chamássemos "Deus" – conquanto que creiam no dogma da Trindade... Ele é, antes, todo o passado da humanidade, o homem primordial da Cabala, por exemplo, e de semelhantes sistemas de idéias. O velho é uma das personificações do inconsciente, uma figura divina personificando a soma total da experiência e dos conseguimentos humanos, ao longo da história. Vejam, o passado é um poder vivo pela mera força da inércia, e a inércia é o traço mais poderoso do homem, e não o seu espírito de empreendimento. De tempos em tempos alguém tem um ímpeto de empreendimento e faz alguma coisa, mas em geral é a enorme força da inércia que leva o mundo adiante. Assim, o homem primordial personifica a inércia, antes de tudo, mas dentro da inércia emerge, ocasionalmente, uma espécie de anelo que gera disposição para empreendimentos. Isto causa distúrbios maiores ou menores, dos quais resulta certo movimento, que gostaríamos de chamar desenvolvimento ou evolução. Mas parece muito questionável se o mundo tira disso algum proveito; tudo que podemos dizer é que ele muda... A inércia é tão imensa, e o espírito dentro dela tão irracional e vacilante, que é excessivamente difícil formar um juízo definitivo.

Assim, embora não possamos chamar exatamente "Deus" este homem primordial, podemos chamá-lo 'um Deus' no sentido antigo da palavra.

ADAM CADMON é outro nome para ele. Ele é uma figura divina no mesmo sentido que o PURUSHA, PRAJAPATI e o demiurgo gnóstico. Todas essas são formas diferentes do homem primordial, que é uma personificação essencialmente humana do inconsciente coletivo. Então, os quatro modos pelos quais o velho caracteriza-se a si mesmo representam qualidades especificamente humanas. O grande filósofo é o poder de reflexão, ou a grandeza do pensamento humano; o cruzado é o homem na sua busca; CRISTO é aquele que morre por suas convicções, e volta para tentar de novo; AHASUERUS é o eterno peregrino, sempre procurando atrás alguma coisa que perdeu, com a esperança de descobri-la no futuro. São todos aspectos da vida e da experiência humana. Este é o homem em nós que nunca encontrou expressão ou realização suficiente que o fizesse perfeito e lhe concedesse o descanso. Este é o esforço sem fim da humanidade. Ele é tão grande e poderoso, e divino no sentido antigo da palavra, que é natural ter horror de pisar sobre ele, pois parece tão venerável, tão grande. Ir além dele significaria consumar os antigos anseios da humanidade, liquidar questões que o homem tem colocado desde tempos imemoriais... Assim, o homem primordial apresenta à paciente uma tarefa que é demais para ela e, naturalmente, ela hesita... Mesmo assim, na visão, agora, ela decide pisar sobre ele.

Dragão, Cruz e Leão

- *Visão*: (cont.) Então eu pisei sobre ele... Um grande calor atravessou meu corpo, e quando ergui meu pé eu vi, estampado na sola, um dragão chinês enrolado sobre uma cruz, e acima da cruz a cabeça de um leão.

Todo esse simbolismo estava na visão anterior. O dragão chinês, naturalmente, refere-se à filosofia oriental e a cruz a CRISTO. Lá, o leão estava sob os pés do velho... A energia animal emanando de baixo para cima... Mas aqui, no momento em que ela pisa sobre o homem primordial, o calor do leão ascende através dos seus pés, permeia seu corpo e torna-se o sol acima da cabeça, coroando a cruz. E por isto ela é marcada.

Logo depois de irmos além da história ou da tradição, somos imediatamente permeados por esta fogosa energia animal... Entramos numa condição primordial onde nada foi ainda configurado, ou domesticado. Então, com um choque, experimentamos a total ilimitada cegueira do impulso para viver, que é idêntico ao sol... Esta marca que a paciente carrega é bem a marca é bem a marca de um criminoso, de um inovador, que cometeu o crime de ser a-histórico... A cabeça do leão em cima e o dragão (ou serpente) embaixo representam uma condição muito especial; ou seja, a condição do início, na qual as formas das coisas estão ainda no inconsciente, ainda não feitas ou conscientemente realizadas. Aqui temos outra vez o DEUS LEONTOCEPHALUS, um Deus com uma mente animal, não humana, correspondente não às nossas expectativas espirituais, mas aos nossos piores medos. Porque se alguém for permeado por esta onda de calor libertado, sentirá uma enorme cegueira, uma falta de direção, e uma ausência caótica de forma e definição; a condição de sua mente apresentaria um quadro comparável apenas à condição mental do mundo atual. Porque nós perdemos a direção, estamos incertos em relação a tudo, e apenas um impulso cego existe. Assim, poder-se-ia dizer que este símbolo se aplica não apenas a um caso particular, mas também ao nosso tempo. E, observem, este era também o símbolo dos três séculos em Roma, quando começou a grande desorientação; deuses leontocéfalos caracterizaram todo aquele período.

Pergunta: Quando somos lançados em tal condição animal, como volta à vida o espiritual?

Dr. Jung: Ah! Esta é a grande questão. Neste exemplo particular não podemos dizer... Mas a humanidade já muitas vezes caiu num estado desorientado, e o espírito – de algum lugar – reapareceu. Na igreja inicial, por exemplo, por exemplo, havia um espírito divino que estava em condições de acabar com toda a confusão daqueles dias. Mas que espírito é este, em si, não sabemos e não podemos saber, porque é metafísico; sabemos apenas o que ele significa psicologicamente. Na condição semelhante ao leão há grande necessidade de algum tido de atitude... Ficamos absolutamente perdidos na confusão, se não temos uma atitude,

certa maneira de encarar as coisas caóticas que acontecem. Para essa atitude a palavra espírito pode ser usada: começamos a agir e escolhemos certos critérios dentro de certo espírito, digamos, este espírito é uma atitude que pode ser formulada como um princípio, ou uma fórmula filosófica. Essas formulações sempre foram feitas, elas simbolizam o espírito ou a atitude... O símbolo, na igreja cristã inicial, por exemplo, era o Credo; através dele as condições caóticas da época puderam ser dominadas, a desorientação animalesca do mundo, a grande debandada. Se alguém acredita naquele símbolo, isto indica que está aplicando aquele tipo de espírito.

Tal símbolo não é apenas um fato intelectual, é também um fato emocional. Por isso a espiritualidade tem a ver com a respiração. Em todo estado de emoção a respiração é perturbada; quando nos agitamos ficamos altamente ventilados, a respiração nos atravessa, ficamos cheios com o vento de Pentecostes... e ofegamos com grande excitação. Assim, o aspecto emocional do espírito pode ser descrito como o dinamismo emocional devido a uma particular atitude mental. Nossa crença ou convicção de forma alguma é fria, ela é ardente, ela se move e nos move; somos tomados por ela e embriagados com ela, como os discípulos à descida do Espírito Santo. Isto é espírito, entendido na sua fenomenologia psicológica...

Agora, a chama do leão está sempre buscando uma forma para entrar. Provavelmente esta é a explicação do simbolismo do culto mitráico, que era também um cultivo da natureza, o leão lá, é geralmente representado em conexão com uma ânfora. Da ânfora sai uma chama, e de um dos lados está representado um leão, enquanto do outro lado sobe uma serpente; ambos estão tentando entrar na ânfora. O que significa isto no culto é completamente obscuro; mas uma ânfora é um receptáculo de forma definida, e uma condição caótica é como um líquido sem forma; o líquido contido na ânfora poderia, portanto, simbolizar o desejo do homem de uma orientação definida, poderia significar a atitude específica com a qual o homem reage contra o caos. Agora, o espírito não vem do caos, o leão sozinho não o faz; antes, deve ser considerado como um princípio que se

coloca contra o dinamismo do homem; o dinamismo do homem está sempre estimulando uma reação espiritual. E sem a condição do leão nunca teríamos experiência do espírito; já que é impossível experimentá-lo quando as coisas estão rolando pela inércia. O espírito só pode ser definido como uma reação imediata ao fogo da condição animal; sem esta tremenda conflagração, as pessoas não podem saber o que ela é. Porque o fenômeno do espírito só é gerado nos momentos de quase completa destruição.

A Cova de Ônix

- *Visão*: (cont.) O estreito caminho abriu-se num circulo. Eu vi uma cova redonda de ônix que descia para dentro da terra como um cone.

Comentário: Parece algum tipo de mandala.

Dr. Jung: Certamente é uma mandala... Nós estamos atados às coisas pelo desejo, e quando elas começam a tornarem-se caóticas, somos arrastados para o caos... Contra o desejo que nos fragmenta, a melhor proteção para cada um de nós é traçar um círculo mágico em volta de si mesmo, de modo que nada possa escapar e nada possa entrar. Manter-se dentro de um círculo é a primeira aproximação a uma atitude... Esta situação é semelhante àquela do leão buscando a ânfora. A cova de ônix seria a ânfora, e ônix é uma substância preciosa de que se fazem vasos; então, obviamente, ela está procurando um receptáculo particularmente precioso, no qual alguma coisa possa ser contida, ou do qual alguma coisa possa emergir. Ela mesma, até, poderia entrar nele – nós não sabemos.

- *Visão*: (cont.) No fundo eu vi uma velha mulher índia segurando nos braços a imagem mexicana que parecia estar viva.

Lembram-se da imagem mexicana no céu?... Ela representou um papel antes, como um desconhecido Deus índio americano... Assim, o que ela vê no fundo da cova é o símbolo de uma qualidade especial de espírito... E a anciã com a imagem mexicana tem o valor de uma figura ancestral. Ela seria a essência do caráter norte-americano, uma coisa mais adaptada à

natureza especial do solo americano. E o ídolo que ela sustenta parece estar vivo. Assim, esta velha índia, esse ser extremamente telúrico, segura o germe de uma vida espiritual, peculiar àquele solo... Há uma parte de uma antiga religião ainda viva... O quadro inteiro é um símbolo para a paciente, de uma certa atitude que agora é necessária.

- *Visão:* (cont.) Repetidas vezes a velha segurou o ídolo no fogo e o retirou ileso

Como explica isso?

Pergunta: Tem alguma coisa a ver com bruxaria?

Dr. Jung: Sim, tem... Lembrem-se que tivemos este simbolismo antes.

Pergunta: É para fortalecê-lo? Para purificá-lo? Para lhe dar energia?

Dr. Jung: Bem, é para introduzir nele a natureza ou a qualidade mágica do fogo. Por isso a imagem está sendo lentamente imbuída com fogo; é para torná-la forte. Um homem primitivo fortalece seu fetiche aspergindo-o com sangue ou tenta supri-lo de energia dançando em volta dele. Um fetiche também pode ser carregado como um acumulador; ele fica fraco se é usado demais, e então seus possuidores ouvem falar de um fetiche particularmente forte em algum lugar – necessariamente um lugar bem distante, já que as coisas distantes são sempre melhores – e viajam até lá e deixam seu fetiche fraco sob a custódia do forte durante semanas, colocando-os lado a lado, e quando voltam para pegá-lo, ele está forte de novo.

O culto de CHURINGA, na Austrália, é a mesma coisa. O CHURINGA é um disco achatado, de madeira ou de pedra, uma pedra-alma, como é chamado. Ele fica escondido numa árvore oca, ou na fresta de uma rocha, talvez, e lá permanece durante muito tempo, e então, se o dono do CHURINGA não se sente bem, se sua libido o abandonou, ou se ele tem uma atitude má, ele vai até aquele lugar na selva onde escondeu seu

CHURINGA, coloca-o sobre o joelho e o esfrega. Com esta fricção sua saúde abalada e sua libido debilitada são transferidas para a pedra, e o poder do "bom remédio" que foi infundida nela, lá fora, na natureza, se transfere para o seu corpo; assim, ele troca libido com CHURINGA e depois vai para casa e tudo está em ordem... Assim, a velha índia está tornando forte o fetiche, incutindo-lhe a natureza do fogo...

Entretanto, o ponto especial, aqui, é que a imagem ou ídolo, que comumente supõe-se ser uma coisa sem vida, está viva. E isto é um grande progresso, porque o princípio mental, o LOGOS, ou mesmo o espírito, aparece "morto", geralmente, em comparação com a vida. A vida da mulher biológica comum, por exemplo, é pouco perturbada pelo LOGOS ou pelo ESPÍRITO; o que é importante para ela certamente não é o espírito, mas alguma coisa inteiramente telúrica. Assim, quando esta mulher descobre que o espírito está vivo, é um progresso e essa percepção tem que ser suportada. Por isso, a velha índia está fortalecendo a imagem e imbuindo-a com fogo vivente para lhe dar radiação, a qualidade do sol, energia. Isto é, evidentemente, de extrema importância. A condição toda, agora, é caótica e para fazer frente a isto ela necessita concentração, forma, o que é quase idêntico a LOGOS...

Comentário: Ela não o está colocando o fogo para fazê-lo durar para sempre?

Dr. Jung: Sim. Uma coisa que agüenta o teste do fogo é mais forte do que o fogo, que é a pior forma de destruição. Este é o processo pelo qual HERCULES tornou-se imortal; ele ergueu sua própria pira fúnebre, e tornou-se imortal nas suas chamas. O mesmo motivo ocorre em SHE, de R. HAGGARD, em que AYESHA consegue uma vida extremamente longa no pilar de fogo... A idéia de que o ídolo poderia chegar a uma vida imortal... é também sugerida aqui; esta é uma forma de produzir o elixir da imortalidade, a TINCTURA MAGNA, que transforma tudo em ouro. Assim sendo, sendo trabalhado numa cova de ônix – semelhante a uma mandala – que lembra um forno alquímico, este ídolo, por estar ganhando a qualidade

do fogo, pode estar conseguindo a imortalidade, uma condição de radiância imperecível.

Fogo de Emoções

Mas como poderia ser demonstrada tal coisa? Como poderiam determinar que um processo psicológico desse tipo estivesse em andamento num paciente, pelos conteúdos conscientes ou pelos símbolos oníricos? É extremamente difícil... Apenas sob certas condições, eu faria tal diagnóstico. Fogo, como sabem, simboliza emoção – chamas rutilantes são emoções – assim, eu diria que qualquer coisa feita com fogo tem uma conotação emocional. E, naturalmente, as emoções têm toda a sorte de sentidos e causas. Nessa conexão, entretanto, uma coisa é particularmente indicativa: uma paciente numa condição dessas, precipita-se nas emoções, necessitando-as repetidamente, porque embora ela possa temê-las, mesmo assim as necessita. Vejam, muitas pessoas preferem evitas emoções, mas outras as estão buscando, mesmo que não pretendam isso de modo consciente. Elas agarram-se à mínima provocação para ter uma emoção, e algumas vezes até admitem isso. Então, sabemos que elas precisam do fogo, do mesmo modo como um forno é necessário, para um determinado propósito... Se a paciente diz: "Eu sei que parece tolice, mas eu sinto que essas emoções servem um propósito, sei que elas têm que ser", então sabemos que este processo está andando, que uma tentativa está sendo feita para produzir alguma coisa no fogo.

Agora, o fogo produz duas coisas: destruição – tudo que pode queimar será queimado e então, se alguma coisa sobrou que pode suportar o fogo, será precipitado, e em todo aquele refugo uma gota de ouro derretida vai aparecer... As emoções são necessárias para a precipitação final da substância preciosa; e não somente emoções passageiras, mas paixão. As pessoas temem a paixão; então a paixão as domina. Elas pensam que a paixão é um erro, mas precisam dela, e na realidade a buscam. Quanto mais sabem, tanto menos negarão a paixão, antes a aceitarão, porque sabem que ela é o fogo purificador necessário para a produção do ouro puro. Há uma bela expressão deste simbolismo na Divina Comédia de

DANTE. No último círculo do Purgatório, quando eles se aproximam da esfera celeste, VIRGÍLIO, conduz DANTE à chama da purificação; ele mesmo recua, porque, sendo pagão, não pode passar através dela; mas DANTE, sendo um cristão batizado, está em condições de entrar no fogo do puro amor, onde tudo que é terreno é queimado dentro dele, e então esse ascende ao Paraíso...

Naturalmente, o ouro não é mencionado nesta visão. Eu simplesmente faço uso deste símile para explicar o simbolismo aqui, como uma espécie de procedimento alquímico, mas nada está sendo dito sobre o seu possível resultado. O único leve sinal que temos é que a imagem permanece ilesa. Mas quase nada podemos concluir disso; o simbolismo inteiro destas visões é tão telegráfico... que temos que preencher muitas lacunas... antes que elas se tornem significantes.

Comentário: A emocionalidade pareceria ser a antítese do estar contido dentro do círculo mágico.

Dr. Jung: Não é a antítese, porque ocorre dentro do círculo, e assim o ouro pode ser produzido. Mas se somos tomados por emoções fora do círculo, podemos ser destruídos, devorados pelas chamas; nós necessitamos o círculo.

Comentário: Este cone de ônix não sugere alguma coisa protetora, ele é tão duro e frio.

Dr. Jung: A característica do círculo mágico é que não se pode atravessá-lo... e também ele é feito para manter fora os fantasmas... Nada pode sair dele e nada pode entrar.

Pergunta: Quando um paciente busca emoções, podemos estar sempre seguros de que algum ouro será produzido?

Dr. Jung: O Senhor não deve concluir da minha observação que uma série de emoções necessariamente significa ouro; ela pode indicar apenas a

queima do entulho, talvez por uma vida inteira, e nada sairá dela se não ocorre dentro do círculo mágico... Há certamente um sem número de emoções que nunca produz um grânulo de ouro.

Este sonho tem o propósito de ensiná-la que uma espécie de procedimento mágico está ocorrendo... Tais sonhos informativos são freqüentes, e se sabemos que não estamos perdendo a razão, mas que passamos por uma iniciação, estamos dentro do círculo mágico. Nesse caso, a experiência tem valor. No momento em que uma pessoa insana tem suficiente consciência para aprender o que está fazendo, o que significam coisas como essa, ela está salva, ela obtém o ouro puro... Eu tratei casos assim de pessoas que haviam estado internadas e ameaçadas de destruição total, e eu as salvei apenas fazendo-as conscientes do caminho que haviam percorrido e ainda estavam percorrendo. De certo modo, eu fiz ao redor delas um círculo mágico de consciência que as manteve firmes, e elas começaram a encarar as coisas experimentadas como objetos. Isso se expressava no fato de que podiam fazer desenhos de algumas de suas alucinações e de seus estados de ânimo... Elas já eram mais idênticas a eles... Vejam, o perigo das emoções é que elas nos fazem em pedaços... mas se conseguimos nos segurar durante a tempestade, se sabemos o que está acontecendo – mesmo se apenas sabemos que não estamos em uma boa disposição – já vencemos, porque alcançamos um ponto de vista frente à destruição sem sentido.

[Agora, acima da bruxa com a imagem mexicana, e o búfalo que também é visto lá, aparece um cercado de serpentes que são a expressão do temor da paciente por ter recorrido à magia e da sua consciência pesada por não ter reprimido suas emoções.] Nota do EDITOR.

Nesse processo de precipitação do ouro uma duradoura consciência pesada é inevitável. Se podemos lidar com ela, podemos lidar conosco mesmo; se não, evitamos a nós mesmos e o ouro nunca é produzido.

- *Visão*: (cont.) Eu ouvi um som distante de estrondo e vi uma grande manada de búfalos à medida que se aproximava, a cova de ônix

fechou-se e os búfalos correram sobre o solo onde desaparecera a cova. Eu senti medo e sentei-me para descansar.

O que está acontecendo aqui?

Resposta: Eu penso que a prova de que ela necessita estar naquela cova é o fato de que os instintos vêm correndo como uma manada de búfalos.

Dr. Jung: Exatamente. É muito bom que ela esteja lá, senão teria sido pisoteada até a morte; assim, a qualidade protetora da cova torna-se bem clara. E o que significa a investida da manada de búfalos? Um búfalo estava lá, antes, provando que a situação estava em ordem quanto aos instintos. Mas agora os instintos estão correndo sobre ela. Por que? Bem, o fato é que o instinto nunca vem só, ele á sempre "legião"; sempre que vivemos de acordo com o instinto caímos no coletivo, não podemos evitar isso, porque o instinto é coletivo. Se vivermos com nosso instinto está tudo bem, mas somos coletivos...

Comentário: Então não deveríamos nos identificar com o instinto.

Dr. Jung: Não deveríamos. Porque se o fizermos, no fim ele nos pegará. O fato é que, quando vivemos uma série de emoções que "caem bem" para nós, vamos deslizando com elas e achamos isso até fácil. Ter tais emoções pode ser desagradável, mas não podemos nos reter, caímos nelas de novo e de novo, torna-se habitual, e atua como uma droga. Por exemplo, ensinamos as pessoas com grande dificuldade, no decorrer da análise, que elas deveriam dizer o que pensam, e então elas já não podem parar. E falando apenas a verdade, elas hostilizam todo mundo... tagarelando ingenuamente por aí, elas dizem as coisas mais afrontosas, e o diabo as ajuda nisso. Mas elas se orgulham de ter aprendido a ser honestas e sinceras; pensam que isto é analítico, mas é simplesmente um tagarelar da pior espécie. Esse é um exemplo de como o instinto enreda as pessoas. A emoção as arrasta sem que elas percebam isso e o instinto vulgar finalmente toma posse delas, ainda sob a impressão de que estão fazendo seus melhores esforços, na sarjeta onde tais coisas acabam...

De certo modo, é porque essa mulher está tomando uma posição contra o instinto, que os búfalos arremessam-se sobre ela. Poder-se-ia dizer que é um pecado contra o instinto o assumir uma posição que é consciente e cultural, e que por isso está sendo atacada; sua tentativa de individuação precipitou uma investida do instinto. Aquele rito mágico provocou o búfalo, e onde há um búfalo, há uma horda deles... Mas se conseguimos nos esconder numa cova mágica, então estamos protegidos, e a investida do coletivo apenas passará ao lado.

A visão seguinte chama-se "A Praça do Mercado". O que esperariam que fosse isso?

Resposta: É o símbolo da coletividade extrema.

Dr. Jung: Exatamente. A praça do mercado é o símbolo da multidão por excelência.

Germes da Nova Vida

- *Visão*: (cont.) A manada de búfalos passou com estrondo, deixando uma grande nuvem de poeira (Ainda a mesma manada). Na poeira haviam muitas cobras pequenas com rabo de peixe. Carregavam germes na boca. Levantou-se uma grande neblina. Não conseguia encontrar o caminho para ir além.

A investida dos instintos deixa uma nuvem de poeira, que é como uma névoa densa... Quando atravessamos a investida de uma emoção ruim ficamos entorpecidos ou apenas meio conscientes... Esta névoa, nuvem de poeira, representa aquela sensação entorpecida, e aí ela descobre pequenas cobras com rabo de peixe. Lembrem-se que na visão anterior havia um cercado de serpentes acima da bruxa, que representava seus medos. Agora, aparentemente, essas cobras estão no ar. Mas não são cobras comuns, porque têm rabo de peixe... o que significaria que pertencem à água. Assim, elas são indistintas, medos meio-conscientes... Nas suas

bocas elas carregam germes, e pelo texto posterior, é óbvio que são germes de plantas. Então, junto com o fato de que elas significam medo, há também a possibilidade de que emerja nova vida desses conteúdos inconscientes. Os germes nas suas bocas são como o ramo de oliveira que a pomba de NOÉ trouxe consigo ao voltar para a arca. Depois do grande dilúvio vem o animal trazendo o símbolo da esperança, expectativa de terra onde há plantas.

- *Visão*: (cont.) Eu andei ao redor do círculo de rocha, buscando um modo de escapar. Não havia nenhum.

Aparentemente não há saída do local onde ela se encontra. Isto se refere claramente à cova de ônix, e um pouco mais tarde torna-se óbvio que esta é o centro de um círculo de rochas. Assim vemos que ela está realmente confinada numa mandala, quase como se fosse uma prisioneira...

- *Visão*: (cont.) Por fim, cheguei a um portão de ferro que estava fechado. Ele não se abriria. A neblina desfez-se e eu vi que as rochas tinham se tornado verdes. No centro do círculo, onde estava a cova de ônix, cresceu uma palmeira.

O verde denotaria vida, esperança de novo... e ela descobriu um portão de ferro, uma saída, se conseguir encontrar a chave. Assim, aqueles germes não eram destrutivos; eram germes da vida que mais tarde tornariam verdes aquelas rochas... A árvore seria, sob todos os aspectos, o oposto da cova de ônix, porque o ônix é morto e inanimado; ainda mais, a cova era oca e a árvore é protuberante, ergue-se e preenche o espaço, é viva. Assim, ocorreu uma enantiodromia; em lugar da cova "morta", quase um túmulo, há vida. É como se o que quer que estivesse antes na cova, estava ali para criar raízes e crescer. Como explicam essa mudança peculiar? O que aconteceu?

<u>Resposta</u>: Houve uma união entre matéria e espírito, poder-se-ia quase dizer entre uma pessoa viva e a matéria morta da cova, que se assemelha a

uma tumba. E dessa união está emergindo uma nova vida, como uma criança.

Dr. Jung: Exatamente. Aquela cova de ônix é a cratera do nascimento de que já falei muitas vezes. Ela executou lá uma cerimônia mágica – mantendo a imagem no fogo – e através dele, ela mesma, ou alguma coisa nela, se transformou. Aquilo já não é mais uma cova, ou um túmulo; vive, mas não com a vida do animal de sangue quente, não com vida humana; é vida vegetal... É, poder-se-ia dizer, um compromisso irracional entre a coisa absolutamente viva o animal, e a coisa absolutamente morta, o ônix; entre eles está a planta, o espírito (pp59) que resulta dessa estranha união. E a manada de búfalos, que passa com estrondo sobre a cova, tem que ser também uma parte do mistério de transformação.

Sugestão: A manada era um afluxo de poder e ela não se identificou com ele.

Dr. Jung: Tem mesmo algo com isso... Mas na realidade, é, antes, um teste sobre a segurança da cova... Se pudermos conduzir uma manada de búfalos sobre uma ponte, por exemplo, sabemos que ela é segura e agüenta... Que as emoções, como representa a manada, podem investir sobre o lugar seguro sem destruí-lo, é um conseguimento que o torna real. Assim, a passagem dos búfalos tem uma espécie de efeito mágico... Por ter resistido à investida dos instintos, o lugar de segurança ganhou prestígio, poder de cura, mana. É o mesmo com uma espada que matou; depois disso, é um matador, e diferente, portanto, de qualquer outra espada; porque matou um homem, é uma espada forte, uma espada-mana e pode-se confiar nela para matar de novo.

Assim, suportando a investida dos búfalos, a cova tornou-se mágica, e recebeu mana, um prestígio especial; como resultado, aquilo que parecia ser um túmulo ou uma prisão, transformou-se em árvore, a disposição, já não é depressiva, já não afunda, tornando-se lentamente preta. É um emergir e um desenrolar... Um movimento como o abrir-se da cauda do pavão. Quando as visões desta paciente começaram a se desenrolar, bem

no começo, havia um pavão (Parte I, página 15). O abrir-se em leque da cauda do pavão expressa justamente este movimento esperançoso, esta extensão e expansão, como quando os pulmões se enchem com ar e o coração pulsa livremente, quando sentimos que podemos nos estender e abraçar o espaço. A outra disposição é o colapso, o dragão, o frio, a escuridão e um afundar-se na cova. Quando alguém se sente envergonhado diz: "Eu poderia ter afundado no chão".

A Árvore com a Imagem na Sua Raiz

Agora, a palmeira ocupa o centro da parede de rocha e assim, lembra-nos imediatamente a árvore crescendo no centro da mandala. Aquilo sempre simboliza um desenvolvimento que ocorre em estágios e se movimenta para cima, em uma espécie de espiral. É a árvore da YOGA cujo primeiro rebento, de acordo com a Kundalini-Yoga é a folha verde, ou broto, que simboliza SHIVA na condição dormente. Um crescimento deste tipo, semelhante à planta, representa uma experiência psicológica inteiramente diferente daquela à qual estamos habituados porque comumente pensamos sobre a nossa psicologia em termos de animais de sangue quente, não de plantas. Mesmo assim, é um fato estranho que o desenvolvimento espiritual seja simbolizado pela vida vegetal. É a vida impessoal do homem, a vida além da sua psicologia pessoal. E esta forma de vida tem que seguir outras leis, ou ela tem suas próprias leis muito particulares, bem diferentes daquelas que brotam da mentalidade da vida pessoal, de sangue quente.

Pergunta: Eu me pergunto por que a árvore é uma palmeira. Seria para enfatizar a idéia de paz, em contraste com o "estouro"?

Dr. Jung: Poderia ter esse sentido. Mas isso não é tão importante como o fato de que as folhas da palmeira têm um movimento como que de fonte, como o rabo do pavão. A palmeira é muitas vezes escolhida para simbolizar a expansão da vida.

- *Visão*: (cont.) Aproximei-me dela e encontrei ao pé da árvore uma pequena imagem. Peguei-a e a joguei contra o portão, que se abriu.

Então, o que encontrou ela?

Resposta: A imagem mexicana.

Dr. Jung: Provavelmente é alguma imagem primitiva como esta, outra vez, mas teríamos que saber o que ela significa, e se temos alguns paralelos para ela.

Sugestão: Existem raízes que abrem portas.

Dr. Jung: Sim. A raiz que abre portas é a mandrágora. É bastante irregular, mas muitas vezes tem uma forma bifurcada, como um homenzinho mal desenhado. Em museus podem ser vistos antigos espécimes que foram usados para finalidades mágicas... E há uma lenda especial sobre ela. Diz-se que quando um homem é enforcado, seu sêmen cai sob o cadafalso e impregna a terra, e lá cresce uma mandrágora, que é meio vegetal e meio humana. Quando alguém tenta arrancar aquela raiz, ela solta um tal uivo infernal que a pessoa morre de pavor; então, ninguém se atreve a tentar isso. Mas eles amarram o rabo de um cachorro preto à raiz e depois de tapar os próprios ouvidos – lhe oferecem comida. O cachorro da um pulo para a frente, a mandrágora solta-se com um uivo terrível, e o cachorro morre. Mas como eles nada ouviram, podem assim obter a raiz. É também chamada "a raiz que descerra", isto é, que abre todas as portas e fechaduras. Crescendo debaixo do cadafalso, é o fruto do intercurso mágico do homem agonizante com a terra, com a matéria inanimada.

Agora, essa imagem na visão encontra-se também sob uma árvore, e há aqui uma estranha analogia. O que eu lhes disse sobre a mandrágora – que ela abre portas fechadas – é apenas o aspecto negativo de alguma coisa muito positiva; porque a raiz da árvore é onde se encontram a criança-herói, a criança-redentor, o grande tesouro ou, ao menos, a serpente ou o dragão que guarda o tesouro. Na lenda de GAUTAMA há uma figura sagrada

que abaixa seus galhos sobre MAYA quando ela dá à luz o futuro BUDA. A mesma imagem aparece no "Prometeu" de SPITTELER, o jovem pastor esconde sua jóia embaixo de uma nogueira e os galhos da árvore curvam-se para guardá-la. Estes são paralelos para a imagem ao pé da árvore. Então, o que representa?

Pergunta: Seria o estar livre das emoções?

Dr. Jung: Nesse tipo de círculo estamos distantes das emoções, não dentro delas. A nossa liberdade foi ganha quando nos encarceramos numa cova. Agora, esta pequena figura mágica representa, obviamente, o caminho para uma liberdade que não é tão condicionada.

Sugestão: A jóia e a criança são símbolos do SELF.

Dr. Jung: Sim. São símbolos do SELF. Simbolizam aquilo que na Índia se chama PURUSHA. Agora, em que extensão isto significa liberdade?

Resposta: Representa um certo destacamento da coletividade.

Dr. Jung: A questão não é estar destacado da coletividade ou das emoções, mas estar na coletividade, nas emoções e, mesmo assim, ter liberdade.

Comentário: O SELF é indestrutível, e é por isso que ele dá a liberdade.

Dr. Jung: Sim, isto dá liberdade... Mas queremos saber como o SELF torna psicologicamente possível viver nas emoções.

Resposta: Porque o SELF é liberdade e a liberdade é SELF.

Dr. Jung: Intrinsecamente, a razão para a idéia de que o SELF é liberdade é que ele chega a viver quando há destacamento emocional; sua liberdade mostra-se na sua imperturbabilidade pelas emoções. Psicologicamente, o SELF é uma espécie de condição impessoal que nos capacita não apenas para estarmos destacados das emoções, mas também para sermos

emotivos e mesmo assim permanecer não afetados dentro da agitação. Experimentar o SELF significa que estamos sempre conscientes da nossa própria identidade. Então sabemos que nunca podemos ser outra coisa senão nós mesmos, que nunca podemos nos perder a nós mesmos e nunca estar alienados de nós mesmos. É assim porque sabemos que o SELF é indestrutível, que ele é sempre um e o mesmo, e não pode ser dissolvido nem trocado por qualquer coisa. O SELF nos possibilita permanecer o mesmo através de todas as condições da nossa vida.

Mas simplesmente saber da idéia do SELF não significa que tudo isso se tornará verdadeiro, que as coisas realmente acontecerão desse modo. É apenas a idéia, apenas aquilo que se diz sobre o SELF. Porque conhecer o SELF leva um longo tempo, uma longa educação. Na Índia é necessário todo o treinamento de um iogue para realizar a identidade do SELF que nunca permite a alguém trocar-se por qualquer outra coisa.